

**A importância da figura do ditador em *El Señor Presidente*:
o romance como denúncia social**

Versão corrigida e melhorada após defesa pública

Helga Márcia Arnauth dos Santos

Dissertação de Mestrado em Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos

Fevereiro, 2017

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas – Especialização em Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Isabel Araújo Branco, FCSH – Universidade Nova de Lisboa.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha orientadora professora Isabel Araújo Branco pela ajuda e paciência ao longo dos últimos meses. Agradeço igualmente à minha irmã e aos meus pais pelo apoio que me deram.

“A importância da figura do ditador em *El Señor Presidente*: o romance como denúncia social”

AUTORA

Helga Márcia Arnauth dos Santos

RESUMO

Tendo como objeto de estudo o romance *El Señor Presidente* do escritor guatemalteco Miguel Ángel Asturias, o presente trabalho procura ilustrar de que forma esta obra denuncia todo um sistema e uma estrutura ditatoriais, tendo em conta não só elementos históricos, mas também estilísticos. Acima de tudo, procura-se compreender qual a verdadeira finalidade da obra e de que maneira esta pretende ser testemunha de uma época.

Outro dos objetivos desta dissertação é retomar um tema que, apesar de já ter sido amplamente estudado, é intemporal, merecendo, portanto, uma nova abordagem. A finalidade consiste em sugerir uma visão que permita ampliar e atualizar conceitos, assim como sistematizar estudos já realizados.

Para alcançar os objetivos referidos, analisam-se os traços distintivos e o comportamento da figura representada pelo Presidente, assim como as semelhanças que possam existir entre este e o ditador Manuel Estrada Cabrera, presidente da Guatemala entre os anos 1898 e 1920. Importante é também verificar de que forma a personagem da obra materializa o seu poder e como a sua tirania se mantém intacta, sem que nada nem ninguém se interponha no seu caminho.

Sendo este um *romance de ditador*, analisam-se as características gerais deste género literário e, particularmente, as que encontramos presentes na obra. De especial interesse para o desenvolvimento deste trabalho é também o estudo da linguagem. Veremos como através dela se recria um mundo irracional e asfixiante e se intui a denúncia feita ao longo da narrativa.

Com a finalidade de entender a origem do universo criado por Miguel Ángel Asturias em *El Señor Presidente*, torna-se necessário ter em conta a sua criação literária prévia. Deste modo, estuda-se a influência do ensaio *El problema social del indio*, escrito pelo próprio e publicado em 1923. Segundo o escritor, este constituiu um dos pontos de partida para a posterior escrita do romance que nos ocupa nesta dissertação. Também é relevante a leitura de *Popol-Vuh*, compilação das crenças e mitos dos antigos indígenas e obra inspiradora para a criação de *El Señor Presidente*. Em simultâneo, são considerados outros estudos não menos importantes para a compreensão da sua obra e deste tema em particular.

PALAVRAS-CHAVE: Ditador, literatura hispano-americana, romance de ditador, denúncia social, literatura guatemalteca.

"The importance of the dictator-figure in *El Señor Presidente*: the novel as a means of social critique"

AUTHOR

Helga Márcia Arnauth dos Santos

ABSTRACT

This dissertation is based on the novel *El Señor Presidente* by Guatemalan writer Miguel Ángel Asturias and aims at illustrating how this work exposes an entire system and dictatorial structure, taking not only historical, but also stylistic elements into account. Above all, it tries to understand what the true purpose of the work is and the way it suggests itself as a witness of a particular age.

Another of the aims is to take up a topic which, despite having already been widely studied, is timeless and therefore deserving of a new approach. The aim is to suggest a vision that allows to extend and update concepts and to systematize studies already carried out.

To achieve these purposes, this study will assess the distinctive features and the behavior of the figure represented by the President, as well as any similarities that may exist between him and the dictator Manuel Estrada Cabrera, the president of Guatemala between 1898 and 1920. It will be equally important to exemplify the ways in which the character materializes his power and keeps his tyranny intact, without anyone or anything standing in his way.

Since this is a *dictator novel*, the present thesis will also analyze the main features of the respective literary genre and, particularly, the ones to be found in the novel in question. The study of language is another aspect of particular interest to the development of this study. We will see how language is used in order to create an irrational and suffocating world and to imply a sense of critique throughout the narrative.

In order to understand the origin of the universe created by Miguel Ángel Asturias in *El Señor Presidente*, it becomes necessary to take his previous literary creation into account. Thus, this study further assesses the influence of the essay *El problema social del indio*, written by himself and published in 1923. According to the author, this was one of the starting points for the subsequent writing of the novel. Another relevant point of focus is the reading of *Popol-Vuh*, a compilation of ancient indigenous beliefs and myths and seminal work for the creation of *El Señor Presidente*. At the same time, other equally important studies are considered, in order to understand the author's oeuvre and this topic in particular.

KEYWORDS: dictator, Latin-American literature, dictator novel, social critique, Guatemalan literature.

“La importancia de la figura del dictador en *El Señor Presidente*: la novela como denuncia social”

AUTORA

Helga Márcia Arnauth dos Santos

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objeto de estudio la novela *El Señor Presidente* del escritor guatemalteco Miguel Ángel Asturias, y con él se pretende analizar los recursos y los mecanismos utilizados por el autor para llevar a cabo la denuncia de todo un sistema y una estructura dictatoriales, teniendo en cuenta no solo elementos históricos, sino también estilísticos. En última instancia, se trata de comprender cuál es la verdadera finalidad de la obra y de qué modo ésta busca ser testigo de una época.

Otro de los objetivos de esta disertación es reanudar un tema que, pese a haber sido ya ampliamente estudiado, es intemporal y, por tanto, merece un nuevo acercamiento. Por ello, se propone ofrecer una nueva visión de la obra, que permita desarrollar y actualizar conceptos, al igual que sistematizar estudios anteriormente realizados.

De este modo, para alcanzar los objetivos fijados, por un lado, se analizan los rasgos característicos y el comportamiento del personaje representado por el Presidente; por otro, se estudian las similitudes que puedan existir entre éste y el dictador Manuel Estrada Cabrera, presidente de Guatemala entre los años 1898 y 1920. Importante es también comprobar de qué forma el dictador de la novela materializa su poder y cómo su tiranía se mantiene indemne, sin que nada ni nadie se interponga en su camino.

Al estar la obra entroncada en un género específico, en este caso la *novela de dictador*, se exponen las características generales del mismo, así como las particulares encontradas en la obra de estudio. Del mismo modo, se realiza un análisis del lenguaje de la obra, vehículo a través del cual el autor recrea un mundo irracional y asfixiante, que destila la denuncia latente a lo largo de toda la narrativa.

Con el fin de entender el origen del universo creado por Miguel Ángel Asturias en *El Señor Presidente*, es necesario analizar los referentes literarios del autor, puesto que moldearon, de alguna forma, la creación de la novela. Así, se estudia la influencia de la incursión literaria previa del propio autor en el ensayo *El problema social del indio*, publicado en 1923 y considerado por el escritor una de las bases para la posterior escritura de la obra que nos ocupa en este trabajo. Igualmente, se estudia la relevancia de *Popul-Vuh*, compilación de creencias y mitos de los antiguos indígenas y obra inspiradora para la creación de *El Señor Presidente*. Por último, se tienen en cuenta otros estudios no menos importantes para la comprensión de la obra y de este tema en particular.

PALABRAS CLAVE: Dictador, literatura hispanoamericana, novela de dictador, denuncia social, literatura guatemalteca.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
I. Contexto histórico	6
I. 1. Circunstâncias históricas: o surgimento do ditador	6
I. 2. Origem e características do romance de ditador	14
II. <i>El Señor Presidente</i> : a obra e a sua criação	21
II. 1. A linguagem e o poder das palavras	35
III. Características inerentes à figura do ditador	41
III. 1. O ditador em <i>El Señor Presidente</i>	41
III. 2. A relação do Presidente com a figura feminina	52
IV. Desintegração social	56
V. Denúncia social presente na obra	59
CONCLUSÃO	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69

INTRODUÇÃO

Um dos flagelos que marcou a história política da América Latina está sem dúvida relacionado com as muitas ditaduras aí vividas durante os séculos XIX e XX. A luta e o abuso de poder são factos comuns a muitos países latino-americanos, levando ao surgimento de líderes militares que governaram as novas repúblicas de forma autoritária. Desde a independência foram as forças armadas que organizaram golpes de Estado e derrubaram governos eleitos por voto popular, estabelecendo leis e impondo ditaduras cruéis que, pouco a pouco, foram deixando uma marca profunda e difícil de superar. É neste cenário que vamos encontrar a figura do ditador, movida pela ânsia do poder e do controlo absoluto, e é ela que se vai tornar num tema de grande valor para os escritores hispano-americanos que decidem denunciar nas suas obras uma época histórica que tão bem conhecem.

O uso da figura do ditador como tema central torna-se ainda mais relevante quando a literatura latino-americana começa a ser reconhecida a nível mundial. Os escritores aproveitam esta oportunidade para, através das suas obras, transmitirem ao mundo o carácter autoritário do tirano então no poder. Um dos romances a utilizar a figura do ditador como tema central foi *El Señor Presidente*, do escritor guatemalteco Miguel Ángel Asturias. Segundo Jorge Castellanos e Miguel Ángel Martínez, esta obra significou o início de uma nova fase no género literário dos chamados *romances de ditadura*. A sua publicação marcou, deste modo, o fim da época do *romance de ditadura* e iniciou o período de *romance de ditador*, um subgénero especialmente popular nos anos 70 do século XX. Existe uma linha ténue que separa estes dois tipos de romance, pois as suas características não diferem muito no que ao tema e ao seu tratamento se refere. E, apesar de este não ser um ponto de muita relevância – muitas vezes esta distinção não é sequer referida – faremos uma breve alusão às suas particularidades para que possamos entender melhor em qual delas se enquadra *El Señor Presidente* e por que motivo.

Para além da abordagem do ditador feita por Miguel Ángel Asturias, autores como Gabriel García Márquez com *El Otoño del Patriarca* (1975), Alejo Carpentier com *El recurso del método* (1974) ou Augusto Roa Bastos com *Yo el Supremo* (1974) também utilizariam a figura do ditador nas obras citadas. Anteriormente, já outro romance com características

semelhantes tinha surgido na Europa, pela mão do espanhol Ramón del Valle-Inclán com *Tirano Banderas* (1926). Longa seria a lista de escritores que, usando o poder das suas palavras, decidem denunciar as atrocidades cometidas pelos muitos regimes totalitários que foram surgindo na América Latina.

Apesar de em *El Señor Presidente* não haver referência ao país e ao ditador retratados, adivinha-se uma Guatemala de princípios do século XX, anulada pelo domínio do então presidente Manuel Estrada Cabrera. Assim se refere Jack Himelblau à semelhança entre a ditadura de Estrada Cabrera e o tema da obra de Asturias: “no Guatemalan who had experienced the Manuel Estrada Cabrera dictatorship (1898-1920) could fail to identify with the fictive events described in the novel, to read into said fiction the pervasive reality of terror under which s/he had lived”¹.

El Señor Presidente seria, portanto, uma recriação dos vinte e dois anos de governo de um dos ditadores mais cruéis da América Central, que manteve o país sujeito à sua tirania e ao isolamento do mundo exterior. Com a criação desta obra, o escritor pretendeu testemunhar uma época que o próprio viveu. Segundo ele, os elementos que iam compondo este romance faziam parte de recordações da sua infância e adolescência, histórias reais dos tempos da ditadura: “[...] como una pizarra limpia, sobre la negrura, fueron apareciendo escritas con tiza de memoria blanca, historias que desde niño había vivido, en ese vivir que va dejando memoria de las cosas, relatos contados en voz baja, después de cerrar todas las puertas”².

Trata-se, portanto, de um romance baseado em factos históricos, cujos contornos vão muito mais além do país nele retratado. Segundo afirma o escritor argentino Alejandro Lanoël-d’Aussenac:

El tema expuesto en *El Señor Presidente* no es una prédica común de carácter político, sino una denuncia de alcance universal, concretada a través de la literatura de ficción, pero respaldada

¹ HIMELBLAU, Jack, “Chronologic Deployment of Fictional Events in Miguel Ángel Asturias’s *El Señor Presidente*”, *Hispanic Journal*, U.S.A., 1991, p. 181.

² ASTURIAS, Miguel Ángel., “*El Señor Presidente* como mito”, em: *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid, Ediciones Cátedra, 2007, p. 423.

por un fondo de veracidad. El argumento sigue siendo en la actualidad un permanente alegato en defensa de los derechos humanos [...] ³.

De Asturias podemos dizer que será sempre recordado como uma das figuras mais relevantes da literatura hispano-americana, cujo trabalho contribuiu para explorar e definir a identidade do seu povo, assim como difundir a sua cultura tão rica em contrastes. Além disso, o escritor conferiu à sua obra um toque de poesia, não esquecendo os problemas políticos e sociais que assolaram o seu país e a sua época. Assim se referia o crítico Enrique Anderson Imbert à obra do autor: “Sin duda es Asturias uno de nuestros mayores novelistas, por el vigor de su imaginación, la audacia con que complica la estructura interior del relato y el lirismo violento o enternecido con que evoca las tierras de América ⁴.”

Em 1966 é-lhe atribuído o Prémio Lenine da Paz ⁵ e em 1967 o Prémio Nobel da Literatura, distinções que contribuíram consideravelmente para que a sua obra se tornasse num objeto de interesse por parte da crítica. Contudo, é sobretudo o romance *El Señor Presidente* que proporcionará a Asturias o merecido estatuto que ainda hoje ocupa na literatura, constituindo um símbolo inegável do seu inconformismo. Segundo o próprio escritor, a obra teria sido criada não só para expor e recriminar o comportamento de um ditador, mas também e, sobretudo, para analisar a estrutura de uma sociedade cujos valores morais se iam degradando pouco a pouco.

Mas não estamos apenas perante uma crítica social, pois esta obra possui igualmente uma identidade artística muito própria e uma grande riqueza linguística, capazes de lhe conferir o lugar privilegiado que ocupa nas letras hispano-americanas. Assim a descreve Enrique Anderson Imbert:

La materia está vista y moldeada, pues, por un artista. De aquí el tono poético de la novela. Aquella materia, si la pensáramos en la realidad, sería fea. Mendigos, borrachos, venéreos, avaros, corrompidos, adulones, cobardes [...]; en fin, todas las fealdades de la vida real. Pero el

³ LANOËL-D'AUSSENAC, Alejandro, Prólogo de *El Señor Presidente*, Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 47.

⁴ ANDERSON IMBERT, Enrique, *Historia de la Literatura Hispanoamericana- II. Época Contemporánea*, 1.ª reimpressão, Fondo de Cultura Económica, México, 1970, p. 239.

⁵ Prémio outorgado a quem contribuía para a harmonia entre os povos.

artista toma posesión de esa realidad, la penetra con su visión, le da forma y la convierte en belleza⁶.

No que diz respeito ao estudo que aqui será feito, este tem como principal objetivo a análise dos traços característicos da figura do ditador e do meio social que o rodeia, representado por um conjunto de personagens cujos atos vão construindo uma atmosfera de violência e de constante temor, mas também de resignação. Desta forma, serão analisados o ditador e a vítima como elementos opostos sob um constante conflito e o papel que ambos desempenham ao longo da narrativa. Veremos ainda qual a verdadeira importância de “El Señor Presidente”, que autoridade exerce sobre as demais personagens e de que forma se mantém no poder. Serão igualmente analisadas as relações que manteve e mantém com algumas personagens femininas e como podem estas afetar a sua personalidade e o seu comportamento. Tentaremos também dar resposta a uma questão essencial para a compreensão da obra: que denúncia é aqui levada a cabo e de que maneira um regime ditatorial pode condicionar a vida e a estrutura de toda uma sociedade. E partindo do facto de esta obra ter um fundo de veracidade, teremos em conta algumas obras em que é traçada a vida e o percurso político do ditador Manuel Estrada Cabrera e a época durante a qual foi presidente. Destacamos *La máquina dictatorial: Poder y narrativa en Guatemala, Colombia y Venezuela*, de Julio Quintero, e o ensaio histórico *¡Ecce Pericles!*, do guatemalteco Rafael Arévalo Martínez. Também importante é a obra *Guatemala, Las líneas de su mano*, de Luis Cardoza y Aragón e o ensaio da historiadora Gail Martin, intitulado “Manuel Estrada Cabrera 1898- 1920: ‘El Señor Presidente’”, que nos dará uma ideia de como foram esses 22 anos de ditadura e que relação existe entre a figura histórica e a do romance de Asturias. É através destas obras que tentaremos conhecer melhor o comportamento do ditador Manuel Estrada Cabrera e avaliar as suas consequências na sociedade dessa época.

Desenvolveremos igualmente, e de uma forma mais detalhada, o tema relacionado com o *romance de ditador* e referiremos quais as suas características presentes não só nesta obra, mas também em romances surgidos anterior e posteriormente. De especial interesse para o desenvolvimento deste trabalho será também o estudo da linguagem e do estilo

⁶ ANDERSON IMBERT, Enrique, *Historia de la Literatura Hispanoamericana- II. Época Contemporánea*, 1.ª reimpressão, Fondo de Cultura Económica, México, 1970, p. 237.

surrealista que, em *El Señor Presidente*, nos transporta muitas vezes para um mundo onírico. E porque o contexto histórico e social é tão relevante, será com ele que iniciaremos o trabalho, sobretudo para que possamos entender como a época em que o romance foi pensado e escrito foi determinante para a sua criação.

Embora assumindo o risco de abordar um tópico amplamente estudado, a decisão da escolha desta obra e deste tema em particular prende-se sobretudo com a sua importância universal e com o facto de este continuar a ser um tema dos nossos dias, tantas vezes vivido e debatido. Também partiu de um interesse em entender como uma só obra literária pode transmitir um momento histórico de forma tão autêntica, capaz de nos situar nesse ambiente opressor.

I. Contexto histórico

Neste capítulo do trabalho falaremos, em primeiro lugar, das circunstâncias históricas que estão na base do aparecimento do *romance de ditador* e dessa figura tantas vezes usada na literatura da América Latina. E, porque sem escritores não existe literatura, falaremos também de autores cujo papel foi crucial para que, em parte, hoje conheçamos essa época histórica.

I. 1. Circunstâncias históricas: o surgimento do ditador

Para que possamos compreender o fenómeno das ditaduras hispano-americanas é necessário ter presentes as causas sociais e económicas que estão na sua origem.

A História da América Latina está marcada por numerosos episódios trágicos que se traduziram em violência, injustiças sociais e, sobretudo, nas muitas ditaduras que coexistiram em diversos países, deixando uma marca indelével na sociedade. Desde a época das conquistas, passando pelo processo de independência, nela se foram instalando vários governos autoritários. Mas quais são os antecedentes históricos que estão na base do surgimento desses governos? Começemos com uma breve abordagem à era colonial, para depois continuarmos com a época da independência e suas consequências mais significativas.

Ao longo e turbulento período da conquista dos territórios americanos e da sua colonização espanhola seguiu-se uma etapa difícil de estabelecimento, caracterizada por um asfixiante sistema burocrático estatal cujo centro era Madrid. A distância que separava a “Mãe Pátria” das colónias e a consequente dificuldade em aplicar as leis peninsulares nesse tão vasto território, conduziram inevitavelmente a conflitos internos, manifestados quer pelas frequentes revoltas indígenas e de escravos negros, quer pela rivalidade entre crioulos⁷ e espanhóis, pois estes últimos queriam conservar todo o poder. Mas não foi só

⁷ Os crioulos eram descendentes de espanhóis, já nascidos no Novo Continente. Em português, o termo “crioulo” tem um significado diferente, denominando os filhos fruto de casamentos inter-raciais ou, por extensão, as culturas nascidas do encontro entre o mundo europeu e o africano.

dentro desses novos territórios que a situação se tornou insustentável. Como afirma Giuseppe Bellini: “los peligros exteriores fueron más graves que los internos para la supervivencia del imperio español”⁸. De facto, os assaltos cada vez mais frequentes de piratas e corsários nas costas do Atlântico e do Pacífico, fomentados por outras nações europeias também elas à procura de novas conquistas – como França, Inglaterra ou Holanda –, dão-nos uma imagem da delicada situação do império espanhol, cada vez mais debilitado. Este perigo só veio a acalmar quando as potências europeias rivais conseguiram fundar as suas próprias colónias em território americano.

Apesar dessa aparente calma, uma cada vez maior instabilidade interna foi enfraquecendo o poder espanhol, e a sua unidade começa a desmoronar-se seriamente no século XVIII. Em 1768 a coroa espanhola chega à conclusão de que já não é possível continuar a tratar esses territórios como até então e, ainda na tentativa de manter o seu comando, decide criar uma série de leis que vêm conceder benefícios aos crioulos, esperando travar, deste modo, o seu espírito independentista. Contudo, estas chegam demasiado tarde para conter a revolução, pois as doutrinas de Rousseau e Voltaire⁹, baseadas na liberdade e na tolerância, já circulavam por esses territórios, acentuando os ideais de igualdade e independência dos crioulos, cada vez mais desejosos de se desprenderem do jugo espanhol. A influência dessas novas ideias liberais veio, assim, impulsionar a transformação da estrutura e da sociedade nesses territórios americanos, modificando também o panorama político.

Os primeiros movimentos de independência têm início na Venezuela, em 1806. Entre esta data e 1813, grande parte das colónias espanholas da América declararia a sua independência, situação que duraria pouco, sobretudo devido à recuperação da estabilidade da coroa espanhola que parecia voltar a dominar. Porém, em 1817, a luta pela liberdade volta a ganhar força e Simón Bolívar¹⁰ assume um papel importante no subcontinente, impulsionando a criação de diferentes Estados autónomos (entre 1821 e 1824), alguns deles unidades territoriais como a Grande Colômbia, obra utópica de Bolívar que se viu afetada pela ambição de chefes e militares e pelos interesses dos latifundiários, cujo principal

⁸ BELLINI, Giuseppe, *Nueva historia de la literatura hispanoamericana*, 3.ª ed., Editorial Castalia, Madrid, 1997, p. 178.

⁹ Jean-Jacques Rousseau e François-Marie Arouet (Voltaire) foram pensadores do Iluminismo (século XVIII).

¹⁰ Militar e estadista venezuelano, conhecido como *El Libertador* (Venezuela, 1783- Colômbia, 1830).

objetivo era governar nos seus feudos. O próprio renunciaria à ideia de unificação da América ao aperceber-se de que já nada podia fazer-se contra o avanço dessas forças, cada vez com mais poder sobre essas e outras regiões. É assim que, por todo o subcontinente, vão surgindo aqueles que ficariam conhecidos na História pela sua tirania e por todo o tipo de abusos.¹¹

Longe da harmonia desejada, o fim do período colonial apresenta um panorama de instabilidade. Assim sendo, o processo de independência terá consequências não só económicas e sociais, mas também políticas, e é destas últimas que falaremos agora com mais pormenor.

Começemos por referir que as novas nações, surgidas do movimento independentista, se caracterizaram por sistemas políticos que se foram distanciando do liberalismo, aproximando-se mais de ideias autoritárias, devido sobretudo às forças militares que agora as governavam e que se foram impondo com as guerras de independência. Por outro lado, as elites temiam que o processo independentista desse origem a movimentos revolucionários, pelo que decidiram apostar por sistemas políticos autoritários que pudessem proteger os seus interesses. Vão surgindo, assim, líderes cujo poder e autoridade excediam todas as normas. Estes chefes, em alguns casos veteranos das lutas pela independência, eram homens já com alguma experiência militar. Na sua maioria eram crioulos ou mestiços que, durante esse período bélico, alcançaram um importante estatuto social e que possuíam um perfil carismático e dominante, capaz de manipular as massas. Estas figuras começam, pouco a pouco, a transformar-se em monopolizadoras de poder e riqueza, apoiando-se num exército sólido. Assim surgem os ditadores.

O povo hispano-americano, emancipado do domínio espanhol, necessitava agora lutar pela sua liberdade dentro do próprio território, na medida em que o dominador já não vinha do outro lado do oceano, mas estava ali bem presente. Forças autocratas começam, deste modo, a impor o seu domínio, mantendo subjugadas as classes mais débeis.¹² De facto, ao longo dos séculos, as classes trabalhadoras foram as mais fustigadas. Do antigo e cruel sistema dos latifundiários hispânicos passaram à opressão e à vigilância repressiva

¹¹ Fonte: BELLINI, Giuseppe, *Nueva historia de la literatura hispanoamericana*, 3.ª ed., Editorial Castalia, Madrid, 1997, pp. 177- 181.

¹² Fonte: BETHEL, Leslie, *Historia de América Latina- La independencia*, Vol. 5, Editorial Crítica, Barcelona, 1991.

perpetradas pelas oligarquias que, sucessivamente, foram governando aqueles países de forma abusiva. O historiador Leslie Bethel retrata a situação que então se vivia: “Los líderes liberales de América Central [...] albergaban un desprecio profundo para con las masas indias y campesinas, de las que no se fiaban y a las que hacían objeto de una dura represión¹³.” E o mais surpreendente é que muitos desses ditadores eram mestiços de origem humilde que se envergonhavam do seu passado. Há uma afirmação do crítico literário Juan Liscano que traduz o que sentiram esses tiranos ao olharem para o seu passado e para o seu povo e perceberem que estes já nada lhes diziam: “Odia en el pueblo lo que hay de pueblo en él mismo¹⁴.” Mas por que motivo sentiram eles tanto desprezo pelas suas origens? A explicação pode estar ligada à situação privilegiada em que se encontravam os tiranos, facto que os levaria a quererem distanciar-se da vida de privações que outrora tiveram, como se fosse uma mancha no passado que quisessem apagar, eliminando, assim, tudo e todos aqueles que com ele pudessem ter alguma relação. De certa forma, esta ideia coincide com o parecer do académico Julio Quintero quando afirma: “El déspota se presenta como un paranoico que invierte deseo en lo social, eliminando toda filiación con el pasado, comenzando siempre del cero, borrando las alianzas previas que dieron origen a su poder, eliminando la filiación que lo llevó hasta su presente estado de déspota [...]”¹⁵.

Alguns dos seus nomes permanecem ainda na memória coletiva. No Paraguai, por exemplo, José Gaspar Rodríguez de Francia dominou o país entre 1814 e 1840 e na Argentina foi Juan Manuel Rosas que subjuguou a nação à sua autoridade, nos anos compreendidos entre 1832 e 1851. Posteriormente, também a República Dominicana conheceria o seu ditador – Rafael Trujillo – que comandou a nação durante 31 anos (de 1930 até 1961, ano em que foi assassinado). Outro exemplo foi Augusto Pinochet que dominou o Chile entre os anos 1973 e 1989. A lista é interminável, pois este género de governos foi-se expandindo por todo o subcontinente, abarcando um grande número de países onde a intolerância dos seus líderes e do sistema político, económico e social que os sustentava não dava lugar a outras alternativas políticas.

¹³ BETHEL, Leslie, *Historia de América Latina- México, América Central y el Caribe, c. 1870 – 1930*, Vol. 9, Editorial Crítica, Barcelona, 1991, p. 205.

¹⁴ LISCANO, Juan, “Sobre *El Señor Presidente* y otros temas de la dictadura”, em: *El Señor Presidente*, Edición crítica: Gerald Martin, Colección Archivos, 1.ª ed, Madrid y Barcelona: ALLCA XX, 2000. p. 795.

¹⁵ QUINTERO, Julio, *La maquina dictatorial: Poder y narrativa en Guatemala, Colombia y Venezuela*, Serie Nuevo Siglo, Pittsburgh, 2016, p. 19.

Acrescentemos Manuel Estrada Cabrera, o presidente que governou a Guatemala entre 1898 e 1920. É ele que nos vai interessar para este estudo, na medida em que a sua ditadura ocupou um lugar significativo na obra de Miguel Ángel Asturias, mais concretamente em *El Señor Presidente*. Chegados a este ponto, é crucial fazermos uma abordagem da situação da Guatemala nessa época histórica de tantas transformações.

As primeiras décadas do século XX tiveram um enorme impacto para uma Guatemala cuja independência tinha sido marcada por inúmeras revoltas e guerras civis. Em 1821 o país obtém a sua emancipação política e, após uma breve adesão ao México, une-se à Costa Rica, a El Salvador, à Nicarágua e às Honduras, formando uma federação de estados denominada *Provincias Unidas de Centroamérica* e que, por questões sociais, económicas e políticas, teria o seu fim em 1847. Longos serão os anos de instabilidade para o país, sobretudo devido às constantes lutas internas pelo poder. O Partido Conservador, cujas leis opressoras não se diferenciavam muito das do antigo regime dominante – o espanhol –, exerceu o comando do país até que um novo partido, o Liberal, se impôs, instalando-se no poder em 1871. Começa, assim, uma nova era para a Guatemala, consolidando-se quando, em 1873, assume o cargo de presidente o chefe do Partido Liberal Justo Rufino Barrios, um militar de ideias progressistas que, segundo Luis Cardoza y Aragón, “abrió las puertas al mundo moderno y expulsó la Edad Media anclada en las sotanas y en los levitones de la ridícula aristocracia colonial”¹⁶. O político viria a morrer em 1885.

Posteriormente, em 1898, o também liberal Manuel Estrada Cabrera assume o comando político e o consequente domínio do ainda jovem país. Têm assim início os 22 anos daquela que seria considerada uma das ditaduras mais cruéis da América Latina e que deixaria uma profunda marca na história da nação, sobretudo na vida dos mais desfavorecidos, tão perseguidos pela ditadura. Assim traça o carácter de Estrada Cabrera a historiadora Gail Martin: “[...] su nombre se asocia mayoritariamente con el peor tipo de dictadura, con el clima de terror, con el sistema de espionaje estatal y con una personalidad sádica y paranoica, paciente y vengativa”¹⁷.

¹⁶ CARDOZA Y ARAGÓN, Luis, *Guatemala, Las líneas de su mano*, Fondo de Cultura Económica, Colección Popular, México-Buenos Aires, 1965, p. 326.

¹⁷ MARTIN, Gail, “Manuel Estrada Cabrera 1898- 1920: ‘El Señor Presidente’”, em: *El Señor Presidente*, Edición crítica: Gerald Martin, Colección Archivos, 1.ª ed, Madrid y Barcelona: ALLCA XX, 2000, p. 541.

A sua subida ao poder deu-se após o misterioso assassinio do então presidente José María Reina Barrios. Morto este, a função de Estrada Cabrera, como um dos sucessores, era a de servir o país de forma provisória até que um novo presidente fosse eleito. Terminado este período e aproveitando o facto de a Assembleia não ter ainda um substituto, decidiu apresentar-se como candidato nas eleições de 1898, acabando por assumir o cargo por um período de 6 anos. Segundo o guatemalteco Rafael Arévalo Martínez, estas são as palavras que o próprio teria então proferido: “–Vengo a encargarme de la presidencia como primer designado [...]. Sírvanse firmarme este decreto en el que me reconocen como tal. Deseo que colaboren conmigo...”¹⁸

Sem querer perder o poder absoluto que tanto desejou e que agora tinha, conseguiu voltar a ser eleito, de modo fraudulento, em 1904, assim como nos anos que se seguiram, o que o levou a governar ininterruptamente durante mais de duas décadas. O próprio tinha modificado a Constituição da Guatemala, que proibia a reeleição, para permitir o seu regresso ao poder. Durante este longo período, Estrada Cabrera saiu vitorioso de várias tentativas de golpe de Estado e ileso de alguns atentados, factos que só serviriam para consolidar ainda mais o seu poder.

O ditador esteve ao comando do governo até 1920, ano em que foi destituído. Chefiou a nação durante quatro mandatos consecutivos: após a sua reeleição em 1904 – que, segundo consta, conseguiu cedendo os Caminhos de Ferro da Guatemala à Companhia de Caminhos de Ferro Internacionais, administrada pelos Estados Unidos da América –, em 1910 e 1916, todos eles alcançados de forma irregular. Eis aqui um excerto da obra *Guatemala, Las líneas de su mano*, em que se descreve o funcionamento anómalo dessas eleições: “Si el día de elecciones se pasaba junto de diez casillas, diez veces se votaba por Estrada Cabrera, candidato único, o se corría riesgo de prisión, tortura y asesinato. Hubo caso en que la votación fue tres veces el número de habitantes”¹⁹.

A sua tirania só chegaria ao fim quando um movimento revolucionário, dirigido por um grupo de líderes conservadores – os *Unionistas* – obrigou a Assembleia Nacional Legislativa a derrubá-lo e a nomear o deputado Carlos Herrera novo presidente da

¹⁸ ARÉVALO MARTÍNEZ, Rafael, *¡Ecce Pericles!*, 1.ª ed., Guatemala, Tipografía Nacional, [1945], p. 28.

¹⁹ CARDOZA Y ARAGÓN, Luis, *Guatemala, Las líneas de su mano*, Fondo de Cultura Económica, Colección Popular, México-Buenos Aires, 1965, p. 334.

República. É importante acrescentar que este grupo proibiu qualquer manifestação violenta e o uso de armas, contrastando a sua atitude com a brutalidade aplicada pelo regime. Assim descrevia Arévalo Martínez essa nova Guatemala: “Al conjuro mágico de la voz de los oradores unionistas había nacido el nuevo pueblo de Guatemala, dueño de su destino, que reduciría al tirano con sólo un acto de su voluntad²⁰.”

Quando Estrada Cabrera foi obrigado a se render e foi levado a tribunal para ser julgado, o escritor Miguel Ángel Asturias estava presente, em representação do grupo de estudantes a que pertencia. São suas as seguintes palavras: “Entonces le vimos tal como estaba cuando iban a capturarlo, vestido de negro con su sombrero negro²¹.”

O regime de Estrada Cabrera seria conhecido pelas suas duas facetas, bem diferentes entre si: se por um lado se mostrou extremamente opressivo para com as classes mais desprotegidas, (como os pequenos agricultores e a população indígena), por outro mostrou-se aberto aos investimentos estrangeiros, nomeadamente à empresa norte-americana *United Fruit Company* que atuava no país como um segundo governo, interferindo em quase todas as decisões tomadas. Esta empresa acabou por exercer um forte domínio na economia local e, de certa forma, contribuir para uma crescente corrupção política, já que as grandes empresas estrangeiras preferiam entender-se com ditaduras dispostas a todo o tipo de transações, sem olhar a consequências. Arévalo Martínez dá-nos uma ideia dos resultados nefastos dos métodos praticados pelo regime:

La administración de Estrada Cabrera se caracterizó antes que todo por el estancamiento de todo progreso. Fue para Guatemala un letargo de un cuarto de siglo mientras todos los otros pueblos avanzaban en la senda del progreso. Finanzas, economía, agricultura, educación, caminos, comercio exterior, e interior, ejército, policía, todo sin excepción sintió el efecto enervante de aquel dictador [...]²².

A História da América Latina ficou, assim, marcada por dirigentes que, progressivamente, se foram tornando senhores absolutos dos seus territórios e cuja personalidade cruel começou a interessar a escritores de diferentes países. Podemos

²⁰ ARÉVALO MARTÍNEZ, Rafael, *¡Ecce Pericles!*, 1.ª ed., Guatemala, Tipografía Nacional, [1945], p. 398.

²¹ LÓPEZ ÁLVAREZ, Luis, *Conversaciones con Miguel Ángel Asturias*, Madrid, Edit. Magisterio Español, 1974, p. 108.

²² ARÉVALO MARTÍNEZ, Rafael, *¡Ecce Pericles!*, 1.ª ed., Guatemala, Tipografía Nacional, [1945], p. VII.

inclusive afirmar que existe uma notória ligação entre a literatura hispano-americana e as muitas ditaduras que se foram impondo no subcontinente, sendo estas muitas vezes o seu tema central. A figura do temido ditador aparece já no conto *El matadero*, do argentino Esteban Echeverría, publicado em 1838, ou no ensaio *Facundo: civilización y barbarie* (1845), do igualmente argentino Domingo Faustino Sarmiento. Também dessa época é o romance de José Mármol intitulado *Amalia* (1851), em que se relatam as atrocidades cometidas na Argentina pelo regime de Juan Manuel Rosa (1832- 1851), o mesmo retratado em *El matadero*. Estes foram dos primeiros textos a expor a tirania política e os seus abusos, inaugurando, desta forma, um tema que ocuparia um lugar de grande relevo na literatura hispano-americana. Pouco a pouco, foram surgindo outras obras dedicadas a este tópico. Falamos de *romances de ditador* como *Tirano Banderas* (1926), do espanhol Ramón del Valle-Inclán (narrativa que tem o mundo hispano-americano como palco); *La sombra del caudillo* (1929), do mexicano Martín Luis Guzmán; ou o romance que nos propomos aqui estudar, *El Señor Presidente* (1946).

Nas décadas que se seguiram a *El Señor Presidente*, outros escritores utilizariam também a figura do ditador nas suas obras, dando-lhe um lugar de destaque. Estas obras vêm inaugurar uma nova etapa na literatura, trazendo com elas uma abordagem diferente. O tirano, agora protagonista, deixa de ser só uma figura histórica para passar a ser também uma importante personagem literária (o anti-herói como personagem central). Esta nova literatura vai, de certa maneira, permitir-nos entrar num universo de violência e opressão, em que os horrores da ditadura são expostos de uma forma mais crua e direta, provocando no leitor um maior impacto.

Merece uma reflexão o facto de estarmos perante romances e novelas em que muitas vezes realidade e ficção se confundem. Importante será mencionar que, em muitos casos, essa ficção foi elaborada tendo por base um período histórico dominado pelas ditaduras, que o escritor decidiu imprimir na sua obra, refletindo sobre o tema e mostrando a sua reprobção. A propósito, o crítico italiano Giuseppe Bellini referia-se assim ao romance de Miguel Ángel Asturias: “A pesar de la ficción sobre la que se funda *El Señor Presidente* para ser novela, la nota negativa y lóbrega del régimen de Manuel Estrada Cabrera queda

intacta²³.” Sem dúvida, a marca destrutiva da ditadura está sempre presente ao longo do texto e é o fio condutor de toda a narrativa.

Há que acrescentar a criação de um grande número de tiranos fictícios que bem podiam ser considerados a caricatura de tiranos que governaram a América Latina durante décadas. Cabe ainda indagar por que motivo se repete este tema e esta personagem em tantas obras, durante décadas. Em *La máquina dictatorial* (2016), Julio Quintero aponta uma possível razão: “[...] la causa mayor de la repetición del caudillo como tema y personaje reside en la multitud y gravedad de sus pecados, sus pecados como padre, es decir, sus faltas”²⁴. Mas não se trata só das suas faltas, pois tudo o que tem relação com a sua personalidade vai despertar o interesse de muitos escritores, transformando esta figura na personagem central das suas obras. Analisemos agora com mais detalhe a origem e as características de algumas delas.

I. 2. Origem e características do romance de ditador

“De los diversos tópicos de esta demanda, ninguno más insistentemente reclamado que el correspondiente a uno de los más singulares, sino el más singular, de los padecimientos latinoamericanos: las dictaduras [...]”²⁵.” Desta forma se referia o crítico uruguaio Ángel Rama a esse tema tantas vezes transposto da realidade para a ficção. A literatura hispano-americana, tão comprometida com a história da época pós-colonial, torna-se, assim, num instrumento de denúncia social e é através dela que escritores de diferentes pontos da América Latina vão tecer as suas críticas e mostrar o seu inconformismo. É sobretudo através destas obras e da exposição dos problemas sociais nelas mencionados que se dará a conhecer o mecanismo das ditaduras e as suas consequências.

Segundo Jorge Castellanos e Miguel Ángel Martínez, parece haver alguma diferença entre os romances escritos antes e depois da década de 1970. Os primeiros foram

²³ BELLINI, Giuseppe, “La denuncia de la dictadura: *El Señor Presidente*”, *Mundo mágico y mundo real: la narrativa de Miguel Ángel Asturias*, Editorial Bulzoni, Roma, 1999, p. 32.

²⁴ QUINTERO, Julio, *La maquina dictatorial: Poder y narrativa en Guatemala, Colombia y Venezuela*, Serie Nuevo Siglo, Pittsburgh, 2016, p. 13.

²⁵ RAMA, Ángel, “Un arquetipo latinoamericano: el dictador en la literatura”, *Los dictadores latinoamericanos*, Fondo de Cultura Económica, México, 1976, p. 6.

denominados *romances de ditadura* e os segundos *romances de ditador*. Parece-nos, contudo, que entre ambos a diferença não é tão significativa ao ponto de se fazer uma divisão. Há, sim, determinados traços e estilos que se tornam mais visíveis num ou noutro romance, tornando-os singulares. Apesar de esta questão não ser inteiramente essencial para o desenvolvimento do trabalho que nos propomos realizar, faremos aqui uma breve alusão e esse respeito.

No seu ensaio “El Dictador Hispanoamericano como Personaje Literario” (1981), Castellanos e Martínez esclarecem que os *romances de ditadura* foram aqueles que surgiram antes dos anos 1970 e cuja principal característica era o conteúdo político em detrimento do estético. Significa isto que os escritores utilizavam as suas obras principalmente para se insurgirem contra as ditaduras então existentes, não dando tanta importância ao conteúdo estético. Segundo Castellanos e Martínez, estas seriam uma espécie de panfleto, um instrumento de combate à tirania, sem uma narrativa demasiado elaborada. Dentro deste grupo encontraríamos obras como *El hombre de hierro* (1907) de Rufino Blanco Fombona, ensaio sobre o tirano venezuelano Cipriano Castro; *El puño del amo* (1939) de Gerardo Gallegos; ou *El tirano Bebevidas* (1939) de Manuel Bedoya, baseada na vida do ditador peruano Oscar Benavides.

Porém, constatam que alguns escritores cujas obras foram concebidas nessa época, se afastam desta tendência, dedicando-se tanto a questões estéticas como políticas e transformando a imagem do ditador. Um deles é Miguel Ángel Asturias, com *El Señor Presidente*. Dadas as suas características, este parece ter sido o primeiro *romance de ditador*. De facto, depois de estudada a obra, é já possível perceber uma análise psicológica mais profunda em que, em vez de se limitar a denunciar o ditador, o escritor emprega também um estilo único e uma linguagem simbólica com o objetivo de criar um universo irracional. Nela não há só uma preocupação social, há também uma preocupação estética.

Abordando os traços gerais, alguns *romances de ditador* têm elementos comuns que os unem como género com características singulares. Referimo-nos, por exemplo, ao poder perdurável de ditadores que não só dão ordens como também criam as próprias leis, indiferentes às suas consequências. E toda essa estrutura judicial está devidamente controlada, sendo o juiz o responsável de que as leis impostas pelo ditador se tornem legais, justificando deste modo os seus crimes. Além dele, também a polícia e o exército fazem

parte dessa rede, sem esquecer um grupo de aliados corruptos, sempre dispostos a atuar. O ditador vive, assim, em função do plano político por ele próprio traçado e feito à sua medida, facto que o torna quase invencível, apesar de o seu medo aos opositores ser uma constante. Assim descreve Julio Quintero o ditador e o ambiente que o rodeia, reproduzido em diferentes obras:

El dictador marcha como caudillo-dictador, ese ser 'lacertoso, ventrudo, carrilludo', y en procesión le siguen el quepis, el secretario, el archivo, las cartas, el palacio, las potencias extranjeras, las charreteras, el uniforme, la mano enguantada, las amantes, la madre pobre, la policía secreta, el auto, la bomba, la prisión, el general, la candela y la noche²⁶.

No que ao espaço físico concerne, este concretiza-se, sobretudo, em ambientes urbanos de países latino-americanos reais ou imaginários. Ao longo das obras vão sendo referidos diferentes lugares que se vão alternando, dependendo das classes sociais que intervêm. Mas vejamos alguns romances em que espaços concretos têm características que se assemelham entre si. Em *El Señor Presidente*, nomeadamente, estes materializam-se ao descreverem-se as cadeias onde mulheres e homens, injustamente presos, agonizam, implorando por uma justiça que nunca chega a ser feita. Estes lugares adquirem características próprias de um inferno, onde o medo se impõe a qualquer sentimento. Exemplos que nos descrevem esses espaços de tortura física e psicológica são frequentes ao longo da obra: “[...] allí donde tantos y tantos habían padecido hambre y sed hasta la muerte [...]”²⁷. Nas cadeias subterrâneas, o desespero parece ser ainda maior: “Dos horas de luz, veintidós horas de oscuridad completa, una lata de caldo y una de excrementos, sed en verano, en invierno el diluvio; ésta era la vida en aquellas cárceles subterráneas”²⁸. Na obra *La máquina dictatorial*, Julio Quintero dá o seu parecer sobre essas torturas: “[...] entre el Señor Presidente y el pueblo reina en última instancia la soberanía, que se manifiesta en obediencia y disciplina, y se castiga marcando el cuerpo del sospechoso, el cual a su vez es

²⁶ QUINTERO, Julio, *La maquina dictatorial: Poder y narrativa en Guatemala, Colombia y Venezuela*, Serie Nuevo Siglo, Pittsburgh, 2016, p. 26.

²⁷ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid, Ediciones Cátedra, 2007, p. 121.

²⁸ *Ibidem*, p. 397.

instrumento para exhibir su poder desmedido”²⁹. Também podemos encontrar outros exemplos que nos transmitem o horror desses lugares em romances como *El otoño del patriarca* (1975), de Gabriel García Márquez (“[...] había visitado el laboratorio de horror de la fortaleza del puerto donde escogían a los presos políticos más exhaustos para entrenarse en el manejo del trueno de la muerte cuyas descargas absorbían el total de la potencia eléctrica de la ciudad [...]”³⁰.), ou em *Yo el Supremo* (1974), de Augusto Roa Bastos (“Están encerrados en la más total obscuridad desde hace años. [...] mandé tapiar a cal y canto las claraboyas, las rendijas de las puertas, las fallas de tapias y techos”³¹.”). Também as prisões descritas em *El recurso del método* (1974), de Alejo Carpentier, nos mostram a crueldade das torturas executadas por um regime sempre pronto a castigar quem se atreve a opor-se a ele. Eis um exemplo:

[...] y hubo también aquellos que, metidos en grandes cajas rectangulares, fueron recubiertos de cemento, en tal forma que los bloques acabaron por alinearse al aire libre, a un costado de la cárcel, tan numerosos que pensaron los vecinos que se trataba de materiales de cantería destinados a futuras ampliaciones del edificio... (y transcurrieron muchos años antes de que se llegase a saber que cada uno de esos bloques encerraba un cuerpo [...], moldeado por la dura materia que lo envolvía [...])³².

O ditador é normalmente representado como um ser sério, ainda que as obras não careçam de algumas cenas carregadas de humor. Vejamos o caso de *El Señor Presidente*, quando o narrador faz a descrição de um retrato em que o ditador está representado: “[...] un retrato del Señor Presidente, echado a perder de joven, con ferrocarriles en los hombros, como charreteras, y un angelito dejándole caer en la cabeza una corona de laurel. Retrato de mucho gusto”³³. Também em *Yo el Supremo* encontramos alguma passagem cômica, sobretudo quando o fiel secretário Policarpo Patiño se dirige ao “Supremo”, ridicularizando o regime e o próprio ditador: “Si es Perpetua, Señor, la Dictadura durará eternamente y por

²⁹ QUINTERO, Julio, *La maquina dictatorial: Poder y narrativa en Guatemala, Colombia y Venezuela*, Serie Nuevo Siglo, Pittsburgh, 2016, p. 49.

³⁰ GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel, *El otoño del patriarca*, Plaza & Janes Editores, S. A., Barcelona, 1997, p. 210.

³¹ ROA BASTOS, Augusto, *Yo el Supremo*, Bibliotex, S. L., Barcelona, 2001, p. 13.

³² CARPENTIER, Alejo, *El recurso del método*, Siglo XXI España Editores, S. A., Madrid, 1976, pp. 208- 209.

³³ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid, Ediciones Cátedra, 2007, p. 148.

toda la eternidad. Amén. Con su licencia suelto un momento la pluma. Voy a santiguarme. Ya estoy, Señor. A su orden³⁴.”

O tirano é habitualmente descrito como um ser seguro dos seus atos e do sistema por ele instaurado. No romance de Asturias essa segurança é visível quando o ditador profere as seguintes palavras: “[...] soy yo, es el Presidente de la República el que lo tiene que hacer todo [...]. Con decir que si no fuera por mí no existiría la fortuna [...]”³⁵. Também em *Yo el Supremo* percebemos essa atitude na voz do ditador: “¿No les consta acaso que ha sido [...] la más justa, la más pacífica, la más noble, la de más completo bienestar y felicidad, la época de máximo esplendor disfrutada por el pueblo paraguayo [...]?”³⁶

Há ainda que mencionar o facto de alguns *romances de ditador* apresentarem um tempo cronológico pouco definido, reduzindo ao máximo os movimentos que rodeiam a figura do tirano. O objetivo é que este passe a ser o centro da obra, a personagem-mito dona do tempo e do espaço. Um desses romances é *El Señor Presidente*, em que as referências temporais se reduzem aos dias situados entre 21 e 27 de abril ou à alusão temporal muito genérica de semanas, meses e anos. Noutros casos, o romance é conduzido por um tempo sem princípio nem fim, como em *El otoño del patriarca*. No que se refere à obra *Yo el Supremo*, nela não existe um tempo cronológico determinado, mas sim um discurso que se vai alternando, sem uma ordem definida.

Acrescentemos aqui um ponto que também parece ser comum a alguns *romances de ditador*: a aparência do tirano. Começemos por *El Señor Presidente*. Nele, o ditador apresenta-se como um ser lúgubre, vestido de preto e com um olhar assustador: “Dejó caer los ojos [...], ebriedad de sangre [...]”³⁷. Também o *Supremo* de Augusto Roa Bastos aparece descrito como uma figura sinistra, cujo aspeto impõe respeito: “Su aspecto era imponente. Envuelto en su capa negra de forro escarlata, echando fuego por los ojos [...]”³⁸.”; “Me volví y contemplé a un caballero de unos cincuenta años, vestido de negro”³⁹.” O bárbaro general Banderas: “—A mí también me tenía horrorizado Tirano Banderas: ¡Muy por demás

³⁴ ROA BASTOS, Augusto, *Yo el Supremo*, Bibliotex, S. L., Barcelona, 2001, p. 53.

³⁵ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª edición, Madrid, Ediciones Cátedra, 2007, p. 373.

³⁶ ROA BASTOS, Augusto, *Yo el Supremo*, Bibliotex, S. L., Barcelona, 2001, p. 277.

³⁷ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid, Ediciones Cátedra, 2007, p. 373.

³⁸ ROA BASTOS, Augusto, *Yo el Supremo*, Bibliotex, S. L., Barcelona, 2001, p. 213.

³⁹ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid, Ediciones Cátedra, 2007, p. 153.

sanguinario!”⁴⁰; “¡[...] se proclamaba inmune para las balas por una firma de Satanás! Ante aquél poder tenebroso, invisible y en vela, la plebe cobriza revivía un terror teológico, una fatalidad religiosa poblada de espantos”⁴¹. Ou o velho ditador de *El Otoño del patriarca*: “[...] los labios de murciélago, los ojos mudos que parecían mirarme desde el fondo de un estanque [...], sus enormes zapatos de muerto, su pensamiento invisible, su poder oculto, el anciano más antiguo de la tierra, el más temible [...]”⁴². A propósito deste último exemplo, também é interessante o facto de nos ser apresentado um ditador quase sempre com uma idade avançada, muitas vezes comparado com uma múmia – encontramos esta comparação na obra *Tirano Banderas* –, o que nos leva a pensar na solidez do seu regime, imutável e indiferente à passagem do tempo. No fundo, não se trata só de ficção, pois estas obras retratam países cujo carácter político foi, durante longos anos, a imagem do despotismo e da impunidade.

Ao tomarmos contacto com as obras citadas e com o ambiente nelas descrito, percebemos a preocupação dos escritores em tentarem transmitir-nos a história de um povo que ia sucumbindo perante sucessivos regimes ditatoriais, cujo principal objetivo era manter-se no poder. E é através delas que nos é dada a possibilidade de entrar nesse universo e de conhecer melhor a figura tão temível do ditador.

Cabe ainda dizer que, embora as obras referidas sejam de uma época muito posterior à de *El Señor Presidente*, já é evidente no romance de Asturias uma antecipação dessa estrutura e dessa linguagem que viriam a caracterizar obras tão representativas como as anteriormente mencionadas, excluindo, naturalmente, *Tirano Banderas*, cuja data é anterior.

El Señor Presidente é um dos romances mais representativos da literatura latino-americana dessa época, não só pela forma como aborda a ditadura e a figura do ditador, como também por todos os recursos que o escritor emprega para transmitir as suas impressões sobre essa realidade. Não sendo o tema uma novidade, é-nos agora apresentada uma estrutura e uma linguagem que se destacam pela sua originalidade, em que a descrição de sonhos e a alusão a mitos são uma constante. Do tirano sabemos que teve uma infância

⁴⁰ VALLE-INCLÁN, Ramón del, *Tirano Banderas. Novela de tierra caliente*, Madrid, Espasa Calpe, 2002, p. 178.

⁴¹ *Ibidem*, p. 199.

⁴² GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel, *El otoño del patriarca*, Plaza & Janes Editores, S. A., Barcelona, 1997, p. 85.

difícil que o debilita e ao mesmo tempo o revolta: “Al hablar de su pueblo natal frunció el entrecejo, la frente calmada de sombras; volvióse al mapa de la República, que en ese momento tenía a la espalda, y descargó un puñetazo sobre el nombre de su pueblo⁴³.” Sabemos também que passou por dificuldades económicas e que o seu esforço para conseguir acabar os estudos foi enorme: “[...] obligado a ganarse el sustento en tanto los chicos de buena familia se pasaban la vida de francachela en francachela”⁴⁴. O narrador vai traçando, aqui e além, o seu aspeto físico, oferecendo-nos também alguns dados biográficos. O Presidente é-nos apresentado com uma idade já avançada (“[...] en los bigotes canos peinados sobre las comisuras de los labios, disimulaba las encías sin dientes [...]”⁴⁵) e como um indivíduo solitário e taciturno: “[...] aislado de todos, muy lejos, en el grupo de sus íntimos”⁴⁶; “El silencio reinaba en torno suyo”⁴⁷.

Acrescentemos o facto de agora nos ser possível entrar na mente do ditador. E embora isso não aconteça com muita frequência em *El Señor Presidente*, dado as poucas vezes que intervém na obra, é-nos possível conhecê-lo um pouco melhor e saber que, no fundo, é uma personagem atormentada pelo seu passado, pelo momento presente e, ao temer uma revolução, pela incerteza do seu futuro. Em *romances de ditador* posteriores, os pensamentos do tirano ser-nos-ão desvendados de uma forma ainda mais completa, levando-nos a conhecer melhor esta figura.

⁴³ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid, Ediciones Cátedra, 2007, p. 337.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 337.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 145.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 206.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 207.

II. *El Señor Presidente*: a obra e a sua criação

Miguel Ángel Asturias nasceu na Guatemala em 1899, um ano após a subida do ditador Manuel Estrada Cabrera ao poder. Os seus primeiros anos foram vividos nesse ambiente de opressão e instabilidade, facto que, sem dúvida, marcaria profundamente a sua personalidade e a sua obra. Sobre *El Señor Presidente*, o próprio escritor declarou:

Todo en mi novela tiene un trasmundo. Cuando la lee un guatemalteco de aquella época encuentra que hay muchas de las cosas que efectivamente sucedieron. [...] En *El Señor Presidente* siempre hay un trasmundo de cosas que yo oí contar. A medida que lo iba escribiendo en París, la memoria me iba trayendo las cosas, una tiraba de otra. Yo era un autómatas que escribía y escribía...⁴⁸

Mas quando falamos da sua criação literária, não podemos esquecer a época que o escritor viveu na Europa, especialmente os seus anos de estudante em Paris. É em 1923 que deixa para trás a sua Guatemala natal para se aventurar numa Europa para ele desconhecida, onde viveu intensamente os movimentos que a transformavam e onde iria passar uma parte importante da sua vida. Depois de um ano em Londres, em julho de 1924 viaja para Paris e aí se instala durante anos, absorvendo as novas tendências europeias que influenciariam profundamente a sua obra posterior. É nesse ambiente de intercâmbio cultural que Asturias vai cultivar uma personalidade ávida de aprender tudo o que para ele é novo, e é aqui, tão longe das suas raízes, que sente necessidade de se aproximar mais da sua cultura e de entender as suas origens. É então que decide assistir a aulas sobre Mitos e Religiões da América Maia, dirigidas pelo professor Georges Raynaud⁴⁹, que lhe proporcionarão um conhecimento mais intenso dessa civilização.

É através das tertúlias e dos encontros que mantém em Paris com um grupo de intelectuais e artistas como Pablo Picasso, Georges Braque, Robert Desnos ou Miguel de Unamuno, que Asturias começa a expressar as suas ideias e a conceber o que viria a escrever

⁴⁸ LÓPEZ ÁLVAREZ, Luis, *Conversaciones con Miguel Ángel Asturias*, Madrid, Edit. Magisterio Español, 1974, pp. 176, 177.

⁴⁹ Estudioso da civilização maia e diretor de Estudos sobre as Religiões da América pré-colombiana, na Escola de Altos Estudos de Paris.

depois nas suas obras, incluindo *El Señor Presidente*. Assim descreve o escritor argentino Alejandro Lanoël-d'Aussenac a importância desse momento para a obra do escritor: “La imaginación del joven escritor se excitaba frente a la multitud de imágenes sugerentes, su posibilidad activa y la riqueza de complementos que le daban aquellas charlas interminables⁵⁰.”

Era este o centro da cultura, onde surgiam e se desenvolviam as principais correntes intelectuais, e o escritor estava lá, pronto para assimilá-las e fazer uso delas nas suas obras, a que deu um estilo único e desconhecido na América Latina de então. Através da sua experiência europeia, Asturias foi desenvolvendo o seu mundo interior, e uma arte ainda meio adormecida foi despertando nele, estimulada por tudo o que então o rodeava. E é precisamente nesse ambiente que o escritor contacta pela primeira vez com o surrealismo, movimento que seria de grande importância para a sua obra, pois é também através dele que manifestará as suas ideias e as suas emoções.

O surgimento de Asturias no panorama literário dá-se em 1930, em Madrid, com a publicação de *Leyendas de Guatemala*. A obra, fortemente marcada por crenças populares guatemaltecas e com um acentuado fundo mitológico, foi o início de um longo percurso literário, iluminado pelas imagens e pela poesia de uma civilização tão remanescente como inspiradora.

Em 1933 o escritor deixa a Europa para voltar ao seu país e continuar a sua obra. Os anos que se seguiram foram de grande mudança para a América Latina, e no campo literário começa a verificar-se uma abertura a novas tendências e uma liberdade de estilo nunca antes vista. É a partir dos anos 1960⁵¹ que a literatura latino-americana ganha diferentes contornos, caracterizando-se por um estilo inovador e artístico que a impulsionará. É a denominada “nueva novela”, que embora renovada, vai continuar a ter muito presente o mundo americano ao qual procurará dar uma imagem mais digna. Apesar de *El Señor Presidente*⁵² ser anterior, a obra, de características tão singulares, é já um prelúdio dessa “nueva novela”. A propósito, o crítico Giuseppe Bellini afirmou que: “si nos fijamos en la

⁵⁰ LANOËL-D'AUSSENAC, Alejandro, Prólogo de *El Señor Presidente*, Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 22.

⁵¹ 1960 é o ano em que surgem novos autores que vêm inaugurar o denominado *Boom* da literatura latino-americana. Neste período, verifica-se o reconhecimento desta literatura a nível mundial.

⁵² A única versão original hoje conhecida de *El Señor Presidente* – o manuscrito *Pillement* – encontra-se na Biblioteca Nacional de Paris e é composta por 340 páginas com correções feitas pelo próprio autor.

novedad estructural de la novela, en su concepción cíclica, en el modo inédito de emplear el tiempo, en los numerosos experimentos lingüísticos, en el especial modo de representar los personajes [...], *El Señor Presidente* es un claro anuncio de la ‘nueva novela’ [...]”⁵³.

Em 1946⁵⁴ o romance é publicado no México e, ainda que o ano de publicação tenha sido este, tudo aponta para que a obra estivesse já terminada em 1932, como indicam as datas colocadas pelo autor no final do romance: “Guatemala, diciembre de 1922. París, noviembre de 1925, 8 de diciembre de 1932”⁵⁵. Existe uma distância temporal significativa entre a data em que o romance é terminado e a data da sua primeira publicação, facto que se deve, fundamentalmente, à situação política que se vivia tanto na Europa – dominada pelo regime nazi – como na América Latina, onde a censura imperava, sobretudo numa Guatemala fustigada por uma nova ditadura, encabeçada pelo general Jorge Ubico Castañeda, que duraria até 1944.

Podemos afirmar que a importância de Asturias no panorama literário só começaria verdadeiramente em 1948, ano em que a Editora Losada decide incluir *El Señor Presidente* numa coleção intitulada “Biblioteca Clásica y Contemporánea”. Este acontecimento vai proporcionar ao escritor uma significativa projeção que viria a consolidar-se quando, em 1952, se lhe atribui em França o prémio ao melhor livro traduzido para francês. O romance começa, assim, a ser traduzido para as principais línguas europeias⁵⁶, facto que, sem dúvida, contribuiria para uma crescente notoriedade da sua obra, assim como para a divulgação da literatura latino-americana.

El Señor Presidente teve como primeiro capítulo *Los mendigos políticos*, título de um conto de Miguel Ángel Asturias com apenas 10 páginas que constituiu o primeiro passo na escrita das diferentes histórias que comporiam a obra final. Deste modo, este deixa de ser um simples conto para se ir transformando em romance. O escritor tê-lo-á redigido várias vezes, até que, pouco a pouco, foi ampliando e modificando o aspeto do futuro livro, sempre à procura de atingir a perfeição. Mas não só o conteúdo foi sendo alterado, também o título,

⁵³ BELLINI, Giuseppe, *Nueva historia de la literatura hispanoamericana*, 3.ª ed. Madrid, Editorial Castalia, 1997, p. 471.

⁵⁴ Data da primeira edição, publicada no México pela editora Costa-Amic. A segunda edição, e a que deu verdadeira projeção à obra, surge em 1948 na cidade de Buenos Aires.

⁵⁵ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid, Ediciones Cátedra, 2007, p. 404.

⁵⁶ Em Portugal, a primeira edição foi publicada em 1968, pela editora Dom Quixote.

até chegar ao definitivo. Diferentes histórias foram, assim, compondo a obra, num estilo literário repleto de musicalidade e poesia.

O processo foi lento e foram necessários dez anos para que a obra pudesse finalmente ser terminada. Durante este longo decurso, outros elementos desempenharam um papel não menos importante para o desenvolvimento da narrativa. Referimo-nos, por exemplo, a uma das primeiras teses de carácter sociológico feitas na Guatemala: o ensaio escrito por Asturias, intitulado “El problema social del indio”. Segundo o autor, este representou um ponto fundamental para a realização da sua obra posterior e um elemento crucial para compreender o ambiente sociocultural que descreveu em *El Señor Presidente*. Trata-se de um estudo minucioso da sociedade guatemalteca e das visíveis diferenças que separavam as classes sociais, dando especial realce a um grupo de indígenas marginalizado e manipulado, sem qualquer apoio por parte do Estado. Seria como uma chamada de atenção para a sua existência e para as dificuldades que enfrentava, assim como uma crítica a todo um sistema, desde a época pré-colonial até ao momento em que o ensaio foi realizado. Afirma Asturias no próprio ensaio: “El estudio de nuestras sociedades ha de ponernos en posibilidad de hacer de Guatemala una nación racial, cultural, lingüística y económicamente idéntica; en cambio de esta Guatemala de hoy [...] donde unos son inmensamente ricos y otros terriblemente pobres⁵⁷.”

Ambas as obras constituem, portanto, uma denúncia contra as injustiças sociais e pretendem consciencializar para a situação que se vivia na América Latina. Tendo sido contemporâneo de Estrada Cabrera e assistido à exploração do país por parte de companhias estrangeiras, o próprio Miguel Ángel Asturias foi testemunha do abuso exercido sobre as classes mais desfavorecidas e presenciou a brutalidade das ditaduras, factos que o levaram a querer mostrar o sofrimento do seu povo. Em *El Señor Presidente* encontramos algumas passagens que são um reflexo claro dessa denúncia. Vejamos um exemplo em que se descreve o comportamento abusivo do regime: “A veces, los pasos de una patrulla que a golpes arrastraba a un prisionero político, seguido de mujeres que limpiaban las huellas de sangre con los pañuelos empapados en llanto⁵⁸.” Ou o desprezo com que são tratados os

⁵⁷ ASTURIAS, Miguel Ángel, “El problema social del indio”, Guatemala, Tipográfica Sánchez y De Guise, 1923, p. 7.

⁵⁸ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid, Ediciones Cátedra, 2007, p. 116.

mais desfavorecidos: “De miedo, de frío y de hambre lloraban los mendigos apañuscados en la sombra. No se veían ni las manos⁵⁹.”

Sem ser um romance biográfico, Asturias quis transformar essa ditadura no tema central da obra, inspirando-se nela e, como ele próprio afirmou, procurando “dibujar la personalidad del dictador tal como existió y tal como permaneció en el poder en Guatemala durante veintidós años”⁶⁰. Além disso, e não menos importante, quis também transmitir o sentimento de toda uma nação, dando-lhe voz. E nada melhor do que as palavras para o fazer, pois é através delas que consegue expressar a sua visão e os seus sentimentos. Com toda a precisão, Juan Liscano afirmou: “Asturias se sacó de la entraña viva de latinoamericano su creación novelística. Escribió con el pulso de la vida misma, del sufrimiento contemplado una y mil veces, en cada encrucijada de su infancia y de su adolescencia guatemaltecas⁶¹.” Estamos perante uma clara exposição a favor dos direitos humanos, com um fundo histórico autêntico, e é partindo desta base que Asturias vai tecendo a narrativa, transportando-nos para a sua própria interpretação dos factos. Mas não se trata só da recriação de uma ditadura, pois esta obra revela-nos também e, acima de tudo, de que forma as relações sociais podem ser mutiladas a ponto de se desintegrarem.

Também não podemos esquecer a importância que *Popol-Vuh*⁶² representaria para Asturias. É através deste texto que o escritor regressa às suas origens e compreende o sentido de uma civilização admirável. Segundo Giuseppe Bellini, “el mundo maya abre al poeta, que se convierte en su intérprete autorizado, los secretos tesoros de sensibilidad y sabiduría”⁶³. O contacto com esta obra, repleta de imagens e cor, influenciaria sem dúvida o estilo e o desenvolvimento da narrativa de *El Señor Presidente*, em que vamos encontrar elementos simbólicos recuperados desse imaginário e dessa tradição mitológica. Um desses

⁵⁹ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid, Ediciones Cátedra, 2007, p. 123

⁶⁰ LÓPEZ ÁLVAREZ, Luis, *Conversaciones con Miguel Ángel Asturias*, Madrid, Edit. Magisterio Español, 1974, p. 174.

⁶¹ LISCANO, Juan, “Sobre *El Señor Presidente* y otros temas de la dictadura”, em: *El Señor Presidente*, Edición crítica: Gerald Martin, Colección Archivos, 1.ª ed, Madrid y Barcelona: ALLCA XX, 2000, p. 796.

⁶² Originalmente foi um texto de tradição oral que persistiu até aos meados do século XVI e que continha o mais profundo da magia, dos mitos e das crenças dos antigos indígenas quichés. Numa das suas traduções para o castelhano: *Los Dioses, los Héroes y los Hombres de Guatemala Antigua* ou *Libro del Consejo de los Indios Quichés*, realizada por Miguel Ángel Asturias e José María González de Mendoza e publicada em 1927. A primeira tradução para esta língua foi realizada por Francisco Ximénez, no século XVIII.

⁶³ BELLINI, Giuseppe, *Nueva historia de la literatura hispanoamericana*, 3.ª ed. Madrid, Editorial Castalia, 1997, p. 400.

elementos é Tohil⁶⁴, que para além de ser referido na obra, foi também o seu título durante vários anos, antes de esta ser publicada com o definitivo que hoje conhecemos. Este nome aparecerá no capítulo XXXVII, em que, numa visão da personagem Miguel Cara de Ángel, vamos encontrar alguns elementos de grande influência mitológica, como vemos no seguinte excerto:

¡Re-tún-tún! ¡Re-tún-tún!..., retumbó bajo la tierra. Tohil exigía sacrificios humanos. Las tribus trajeron a su presencia los mejores cazadores [...] ‘Y estos hombres, ¡qué!; ¿cazarán hombres?’, preguntó Tohil. [...] ‘¡Como tú lo pides –respondieron las tribus–, con tal que nos devuelvas el fuego, tú, el *Dador de Fuego*, [...] ¡Con tal que no se nos siga muriendo la vida, aunque nos degollemos todos para que siga viviendo la muerte!’ ‘¡Estoy contento!’, dijo Tohil. [...]’⁶⁵.

Asturias utilizou aqui a figura do deus a quem se ofereciam sacrifícios humanos com a intenção de o comparar com o próprio Presidente, também ele um ser sanguinário e desumano. Ambas são personagens de adoração que controlam a vontade dos homens através do medo. Também o chileno Cedomil Goic aponta semelhanças no caráter dessas duas figuras: “La gratitud del poder abusivo, cruel y sanguinario de Tohil es un análogo adecuado para el Señor Presidente [...]”⁶⁶.” Deste modo, para fortalecer o mito do Presidente, Asturias identifica a figura do ditador com a do deus maia-quiché, que surge descrito em *Popol-Vuh* como um deus sem piedade: “[...] se humilló a las tribus grandes, a las tribus pequeñas, cuando se las sacrificó ante Pluvioso⁶⁷, cuando se le dio a éste la sangre, la savia [...] de todos aquellos hombres”⁶⁸. E assim é o Presidente no romance de Asturias, ao sentir-se satisfeito com o sacrifício das suas vítimas: “El delito de sangre era ideal; la supresión de un prójimo constituía la adhesión más completa del ciudadano al Señor Presidente⁶⁹.”

Esta maneira de expor as ideias, através de parábolas mitológicas, assemelha-se à expressividade de *Popol-Vuh*. O escritor recorre, desta maneira, a mecanismos próprios do

⁶⁴ Segundo a lenda, Tohil ou “Pluvioso” era o deus maia-quiché do fogo e da morte, a quem se ofereciam sacrifícios humanos exigidos pelo próprio. Só o sangue das suas vítimas podia alimentar o sol. Se não havia prisioneiros para sacrificar, o sol deixava de dar luz, transformando o dia em noites de frio eterno. Esta figura está referida em *Popol-Vuh*.

⁶⁵ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid, Ediciones Cátedra, 2007, p. 376

⁶⁶ GOIC, Cedomil, “*El Señor Presidente* de Miguel Ángel Asturias”, *Historia y Crítica de la Literatura Hispanoamericana*, Vol. III, Época Contemporánea, Editorial Crítica, Barcelona, 1988, p. 369.

⁶⁷ Tohil.

⁶⁸ *POPOL-VUH: Las antiguas historias del Quiché*, Fondo de Cultura Económica, México, 1992, p. 52.

⁶⁹ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid, Ediciones Cátedra, 2007, p. 288.

surrealismo, utilizando elementos oníricos que nos transportam para além do que é real. O próprio Asturias reafirma essa vertente mitológica no seu ensaio “*El Señor Presidente* como mito”:

[...] no es aventurado decir que *El Señor Presidente* debe ser considerado en las que podrían llamarse narraciones mitológicas. Hay la novela, literariamente hablando, hay la denuncia política, pero en el fondo de todo existe, vive, en la forma de un Presidente de República latinoamericana, una concepción de la fuerza ancestral, fabulosa y sólo aparentemente de nuestro tiempo⁷⁰.

Estes elementos estão presentes na riqueza linguística que nos é oferecida ao longo da obra e deles falaremos mais adiante.

No que diz respeito às referências geográficas da obra, não nos são oferecidos dados concretos, à exceção de alguns nomes de ruas ou praças, uns fictícios, outros reais. Apesar disso, não nos é difícil situar-nos, pois o narrador encarrega-se de nos guiar através das suas palavras, permitindo-nos entrar nesse ambiente opressivo. Segundo Jorge Castellanos e Miguel Ángel Martínez, “el propósito de Asturias, como antes el de Valle Inclán⁷¹, no fue presentar al lector el retrato realista de una dictadura, sino hacerle *sentir* o *vivir* vicariamente ese mundo alucinante de dantesca pesadilla”⁷².

A propósito da referência a Ramón del Valle-Inclán, não podemos deixar de salientar o significado e a importância que *Tirano Banderas* desempenhou na criação de *El Señor Presidente*. Ambas as obras apresentam um universo desfigurado pela ditadura e um tempo pouco ou nada definido que nos transporta para um ambiente em que a incerteza e o desespero imperam. Também a figura do ditador apresenta semelhanças. De facto, em ambas as obras este é descrito como um ser sombrio e taciturno, cuja imagem está normalmente associada a cores escuras, que transmitem o ambiente lúgubre que o rodeia. Prova disso são as seguintes descrições do general Banderas: “Inmóvil y taciturno [...] parece

⁷⁰ ASTURIAS, Miguel Ángel, “*El Señor Presidente* como mito”, em: *El Señor Presidente*, Edición crítica de Alejandro Lanoël- d’Aussenac, 7.ª ed., Ediciones Cátedra, Madrid, 2007, p. 424.

⁷¹ Ramón del Valle-Inclán, escritor español e autor da obra *Tirano Banderas*, publicada em 1926.

⁷² CASTELLANOS, Jorge y M. A. Martínez, “El Dictador Hispanoamericano como Personaje Literario”, *Latin American Research Review*, Vol. 16, n.º 2, 1981, p. 83.

una calavera con antiparras negras y corbatín de clérigo⁷³.” Ou “Tirano Banderas, taciturno, recogido en el poyo, bajo la sombra de los ramajes, era un negro garabato de lechuzo⁷⁴.” Contudo, interessa mencionar que o ditador criado pelo escritor guatemalteco é uma personagem algo mais complexa que chegaremos a conhecer melhor. Chegados a este ponto, é importante acrescentar que o tirano criado por Valle-Inclán não está relacionado com nenhuma personagem histórica em particular. O objetivo foi criar uma figura com traços gerais, que pudesse representar a personalidade e o comportamento de diferentes ditadores hispano-americanos, na sua versão mais cruel e desprezível.

Em relação ao estilo, antes de Asturias, já o autor espanhol tinha experimentado novas formas literárias e foi nelas que, em parte, o escritor guatemalteco se apoiou, adaptando-as depois à sua visão particular e à história do seu país. Contudo, e no que diz respeito à linguagem que ambos utilizaram nas suas obras, há diferenças a assinalar. No caso de *Tirano Banderas*, e talvez para justificar o contexto da obra, vamos encontrar vocábulos e expressões típicos de diferentes zonas da América Hispânica. Por outro lado, *El Señor Presidente* é uma obra com características tipicamente guatemaltecas, com expressões singulares que o próprio Asturias criou para dar mais realce às suas personagens e à realidade social impressa na obra. Além desta questão, há ainda a salientar o facto de Valle-Inclán ver o tema da ditadura a partir da distância que separa o seu país – Espanha – e a América Latina dos ditadores, facto que confere ao tema da obra um carácter mais superficial. O escritor espanhol não seria mais do que um observador, ao passo que Asturias foi parte integrante dessa história e dessa cultura, daí a sua implicação mais profunda.

Outro ponto de grande relevo em *El Señor Presidente* é sem dúvida o título, pois antes mesmo de iniciarmos a leitura do romance, já este chama a nossa atenção para a importância que a personagem representada pelo Presidente terá ao longo da obra. É interessante a visão de Enrique Anderson Imbert a este respeito: “El título, tan irónicamente respetuoso, avisa la importancia que el señor presidente ha de tener dentro de la novela. Aparece sólo seis veces, pero motiva todos los capítulos como Satán reina en todos los círculos del infierno y un dictador real domina todas las actividades de un país⁷⁵.” Sem

⁷³ VALLE-INCLÁN, Ramón del, *Tirano Banderas. Novela de tierra caliente*, Madrid, Espasa Calpe, 2002, p. 20.

⁷⁴ *Ibidem*, p. 42.

⁷⁵ ANDERSON IMBERT, Enrique, *Historia de la Literatura Hispanoamericana- II. Época Contemporánea*, 1.ª reimpressão, Fondo de Cultura Económica, México, 1970, p. 236.

dúvida, todos os movimentos e ações ao longo da obra se veem influenciados por esta personagem sem nome, mesmo quando ela não está presente. Estando ausente, o seu poder é ainda mais absoluto, pois há toda uma rede de membros sem escrúpulos que opera em seu nome, criando um ambiente de terror e de enorme carga psicológica. O seguinte excerto ilustra precisamente essa situação: “Y la patrulla, por cambiar de paso, la tomaba de primas a primeras contra un paseante cualquiera, registrándole de pies a cabeza y cargando con él a la cárcel, cuando no tenía armas, por sospechoso, vago, conspirador, o, como decía el jefe, porque me cae mal...”⁷⁶. Segundo Luis Alberto Sánchez, “se diría que el libro encierra un himno al miedo”⁷⁷. Um medo que é real e que nos acompanha desde o início do romance – quando os sinos da catedral inauguram um pesadelo que parece interminável – até que a oração “Kyrie eleison”⁷⁸ põe fim à obra, mas não ao temor que ali se vive.

Ao longo da narrativa é palpável a presença constante do poder da ditadura e o domínio total que exerce sobre a sociedade, facto que, inevitavelmente, vai provocar uma rutura dos vínculos humanos. As amizades perdem-se, as relações familiares desfazem-se e deixa de haver lugar para os sentimentos mais nobres. Não faltam exemplos que ilustram essa desintegração ao longo da obra: a relação impossível entre as personagens Miguel Cara de Ángel e Camila ou a indiferença com que os tios a tratam, ao saberem da fuga do seu pai e ao não quererem cair também em desgraça. O objetivo é estar sempre do lado do regime, pois essa é a única forma de ficar a salvo da sua ira. Quem se opõe ao Presidente transforma-se em seu inimigo, logo está condenado. Esta ideia está bem presente nas palavras da personagem Cara de Ángel ao afirmar que: “[...] un inocente a mal con el gobierno, es peor que si fuera culpable!”⁷⁹. Não será esta a fórmula perfeita para controlar um país? Ao anular a vontade dos homens e as suas relações, o ditador constrói um mundo à sua medida, firme e sem lugar para contestações.

Ao longo das páginas desta obra vão-nos sendo revelados todos os abusos praticados por uma ditadura que parece não querer abandonar tal procedimento. Se por um lado temos uma estrutura organizada que explora e que comete injustiças, por outro temos uma

⁷⁶ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 165.

⁷⁷ SÁNCHEZ, Luis Alberto, “Miguel Ángel Asturias y el estilo maya”, em: *El Señor Presidente*, Edición crítica: Gerald Martin, Colección Archivos, 1.ª ed, Madrid y Barcelona: ALLCA XX, 2000, p. 780.

⁷⁸ “Oh, Senhor, tem piedade” é uma prece usada em cerimónias fúnebres, com a qual se pede misericórdia a Deus.

⁷⁹ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 173.

vítima obrigada a calar e a aceitar as circunstâncias. Vejamos um exemplo que tão bem transmite esse excesso de autoridade, ultrapassando a própria lógica. É o caso do sacristão que é encarcerado simplesmente por retirar da igreja o cartaz que anuncia o solene aniversário da mãe do Presidente:

—... por un delito que cometí por pura equivocación. [...] fui y quité del cancel de la iglesia en que estaba de sacristán el aviso del jubileo de la madre del Señor Presidente! [...] Lo cierto es que me capturaron y me trajeron al despacho del Director de la Policía, quien, después de darme un par de gaznatadas, mandó que me pusieran en esta bartolina, incomunicado, dijo, por revolucionario⁸⁰.

E ainda mais contraditório é descobrirmos que o sacristão não sabe ler e que, portanto, nada pretendia com o seu gesto, muito menos uma revolução. Este exemplo ilustra o lado mais absurdo da ditadura e a que extremo se pode chegar quando todos os atos são controlados, revelando uma total falta de liberdade.

Também a personagem representada pelo Auditor de Guerra, sempre disposta a abusar do poder que lhe foi atribuído, tem uma forma impiedosa de atuar. O autor escolhe esta figura para ilustrar a extrema brutalidade do regime e para que nós, leitores, possamos ser testemunhas dessa violência. São muitas as vezes que encontramos esta personagem a representar o seu papel, mostrando uma total falta de empatia para com os outros. A tortura que exerce sobre Fedina Rodas, uma mulher que ele próprio fez prisioneira e com a qual lucrou 10 mil pesos, é um bom exemplo desse comportamento. Ao separá-la do seu recém-nascido, incorre no crime mais atroz. Impedir que uma mãe amamente um filho, deixando-o morrer, não representa um episódio humanamente aceitável, mas ele faz parte desta história e a sua crueldade transtorna-nos: “El llorar de su hijo, cada vez más apagado, llenaba sus oídos. [...] Más tarde —ya pintaba el alba— la trasladaron al calabozo. Allí despertó con su hijo moribundo, helado, sin vida, como un muñeco de trapo⁸¹.” E o que mais surpreende é que o próprio Auditor de Guerra confessa saber, desde o primeiro momento, que Fedina diz a verdade. Num acumular de agressões físicas e verbais, vai-se construindo uma atmosfera quase inimaginável e, ao mesmo tempo, já tão habitual. Mais uma vez,

⁸⁰ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid, Ediciones Cátedra, 2007, pp. 122- 123.

⁸¹ *Ibidem*, p. 228.

temos diante de nós duas realidades totalmente opostas: se por um lado há uma inocente a ser violentada entre paredes, por outro, e em simultâneo, uma celebração inunda as ruas de júbilo, indiferente ao sofrimento alheio: “Fuera seguía la fiesta. El segundo día como el primero⁸².” O contraste é evidente, transmitindo-nos o sofrimento a que estão sujeitas algumas personagens da obra, escolhidas por um dos aliados do regime: o Auditor de Guerra. Na intimidade da sua casa, não só ficamos a conhecer melhor esta personagem, como também descobrimos qual a sua principal ocupação: inventar processos e deleitar-se com a sua leitura. É então que ficamos a saber que deseja vingar-se de Cara de Ángel, transformando-o num dos principais alvos a abater pelo regime. Eis o seu tom intimidante: “¡Ah, Don Miguelín, Miguelito, por fin en mis manos y por el tiempo que yo quiera! [...] ¡Y la rosca del tornillo de mi venganza es interminable, ya se lo advierto!”⁸³. Se nos detivermos nas suas palavras e movimentos, percebemos que ele atua muitas vezes de forma independente, sem que o próprio Presidente tenha conhecimento das suas decisões. Estamos na presença de um ser “[...] silencioso y feo, miope y glotón, [...] aquél árbol de papel sellado, cuyas raíces nutríanse de todas las clases sociales, hasta de las más humildes y miserables”⁸⁴.

Mas, paralelamente, há outro processo em curso. Com a morte accidental do coronel José Parrales Sonriente – um fiel partidário do regime –, pelas mãos do “idiota” *Pelee*, dá-se início a um plano maquiavélico para eliminar definitivamente aqueles que o Presidente considera seus inimigos: o general Eusebio Canales e o licenciado Abel Carvajal. Através de um verdadeiro enredo de falsas testemunhas – umas cegas, outras loucas –, torturadas por um temível Auditor de Guerra e obrigadas a jurar que esses foram os assassinos, começa a perseguição dos inocentes. De imediato se manda informar o *Señor Presidente*, pois é ele quem ordena e é a ele que todos devem explicações: “Y corrió a dar parte al Señor Presidente de las primeras diligencias del proceso, en un carricoche tirado por dos caballos flacos, que llevaba de lumbré en los faroles los ojos de la muerte⁸⁵.” Ficamos então com a sensação de que esta carruagem, onde parece viajar a própria morte, percorrerá toda a cidade, sempre à procura de uma próxima vítima.

⁸² ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid, Ediciones Cátedra, 2007, p. 228.

⁸³ *Ibidem*, p. 244.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 241.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 125.

É, assim, inaugurado o enredo que conduzirá a obra, em que os abusos e a falta de liberdade serão uma constante. Estamos ainda no primeiro capítulo e já se percebe uma atmosfera de vingança e de perseguição que não cessará até à última página, num ritmo de capítulos relacionados entre si, sobretudo por atos de violência e até de loucura.

À semelhança de outros romances de ditador, a oposição política está proibida e severamente perseguida, sendo o castigo implacável, facto manifesto em *El Señor Presidente* quando os dois opositores atrás referidos são injustamente acusados de homicídio e perseguidos até o regime acabar definitivamente com eles. Usemos aqui alguns exemplos que nos mostram de que forma essas perseguições são executadas. No caso do primeiro incriminado, há uma passagem que nos revela até que ponto a acusação é feita da forma mais descabida e injusta, pois os membros incumbidos de o julgar estão todos ébrios:

Carvajal volvió a mirar a los miembros del tribunal, buscando saber si estaban cuerdos. Con el primero que tropezaron sus pupilas no podía estar más borracho [...]. Le seguía un oficial retinto que también estaba ebrio. Y el Presidente, que daba la más acabada impresión de alcohólico, casi se caía de la juma⁸⁶.

A este facto há ainda a acrescentar que as únicas testemunhas do processo são um grupo de mendigos cuja sensatez nos deixa muitas dúvidas:

Los pordioseros ocupaban las bancas de los testigos. *Patahueca* con cara palcentera de borracho [...] *El Viuda* [...] torcía la cara con mueca de cadáver sonriendo a los miembros del tribunal. *Lulo* [...] con repentes de risa y de ira, de afecto y de odio, cerraba los ojos y se cubría las orejas para que supieran que no quería ver ni oír nada de lo que pasaba allí. [...] *Don Juan*, que no oía nada, contaba los soldados dispuestos contra los muros a cada dos pasos en toda la sala. [...] Ricardo el *Tocador* hablaba a solas [...] ⁸⁷.

Já em relação ao segundo, Eusebio Canales – um homem com ideias revolucionárias –, o Presidente ordena ao seu ainda homem de maior confiança, Cara de Ángel, que o ajude a escapar. O seu verdadeiro objetivo não é propriamente libertar o general Canales, mas sim rodear a sua casa de polícias com ordem para matar ao mais pequeno movimento de fuga.

⁸⁶ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid, Ediciones Cátedra, 2007, p. 320.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 319.

Sabemos que esse plano será um fracasso, pois Cara de Ángel acaba por conseguir ajudar o general, permitindo que este saia da cidade. No decorrer de todo o processo, conhece a filha do general e apaixona-se por ela, conferindo à obra um toque humano, que contrasta com as sombras erigidas pelo regime. Esta escolha contribuirá para a perdição de Miguel Cara de Ángel que, ao deixar de ser o *favorito* do Presidente, é encerrado num calabouço onde acabará por sucumbir após longos anos de tortura e abandono. Esta personagem, talvez a mais elaborada de todo o romance e a que melhor chegamos a conhecer, é a representação mais fiel do que pode acontecer a quem decide afastar-se dos ideais do regime e começar a viver segundo as suas próprias normas, quebrando uma ligação cuja máxima é: “[...] pienso con la cabeza del Señor Presidente, luego existo...”⁸⁸. O seu final trágico pode levar-nos a sentir pena, mas não devemos esquecer a sua culpabilidade. Afinal ele fez parte do esquema do regime, foi, aliás, um dos seus principais representantes e executores. Não merece ele ser castigado? Não estará finalmente a ser feita alguma justiça? De certa forma sim, embora esse castigo seja executado de uma forma demasiado cruel e venha de alguém que, tanto ou mais que ele, merece ser também punido, algo que não acontecerá.

Todos os acontecimentos estão organizados em capítulos independentes, cada um com o seu próprio título, mas todos eles ligados entre si pela figura do Presidente e pelas atrocidades cometidas pelo regime. Ainda que os capítulos nos sejam apresentados de maneira fragmentada, o facto é que todos eles têm relação entre si, constituindo um todo sólido e coerente. A primeira e a segunda partes desenvolvem-se ao longo de um tempo determinado: 21, 22 e 23 de abril; 24, 25, 26 e 27 de abril, respetivamente. Há, portanto, uma sequência de capítulos organizada em dias bem definidos, algo que não acontece na terceira parte do romance. Nela, em vez de um encadeamento de dias, encontramos uma sequência temporal que se desenrola durante um tempo totalmente indeterminado “semanas, meses, anos”. A intenção é mostrar-nos que numa ditadura o tempo cronológico deixa de ter importância, pois o que prevalece é a sensação de perpetuidade. Finalmente temos o epílogo, sem uma data definida, em que nos deparamos com um “Portal del Señor” agora reduzido a escombros. É como se se quisesse apagar, desta maneira, todas as crueldades um dia aí iniciadas. Mas o facto é que a ditadura continua o seu curso, incansável: “Y allí se queda aquél, de no ser un cordón de presos que entre fila y fila de

⁸⁸ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 378.

soldados traía media calle⁸⁹.”, mostrando-nos que não há fim para tanta injustiça. Porém e, contrariando um pouco a ideia de que nunca nada mudará nesse país, percebemos alguma esperança nas palavras do estudante quando ainda se encontra preso: “–¡Tratemos de romper esa puerta y de ir a la revolución!⁹⁰.” Asturias escolhe esta personagem jovem e com espírito revolucionário para mostrar-nos que nem tudo está perdido e que, sendo possível uma mudança, esta poderá estar nas mãos das novas gerações. É impossível não pensarmos no próprio escritor e nos seus tempos de estudante e de opositor ao regime, com vontade de mudar uma realidade que ele tão bem conheceu.

Para terminar este capítulo, acrescentemos um excerto proferido por um pobre vendedor de lotaria, que tão bem define a atuação do regime e a própria vida dos cidadãos, mostrando-nos não só o quão arbitrárias são as decisões políticas da ditadura, mas também o facto de até o mais simples cidadão conhecer a situação real do país:

¡La lotería, amigo, la lotería! Ésta es la frase-síntesis de aquél país, como lo pregonaba *Tío Fulgencio*, un buen señor que vendía billetes de lotería por las calles [...] ‘¡Amigo, amigo, la única ley en egta tierra eg la lotería: pog lotería cae ugté en la cágcel, pog lotería lo fugilan, pog lotería lo hagen diputado, diplomático, pregidente de la Gepública, general, minigtro!’⁹¹

A vida é, assim, descrita como uma lotaria, em que tudo é decidido como se de um lançamento de dados se tratasse, facto que divide a sociedade em dois grupos: um com sorte – o grupo restrito dos partidários do Presidente –, e outro condenado a viver numa sombra permanente, constituído pelas classes mais desfavorecidas.

⁸⁹ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid, Ediciones Cátedra, 2007, p. 401.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 316.

⁹¹ *Ibidem*, p. 212.

II.1. A Linguagem e o poder das palavras

“Hay por cierto un elemento cinematográfico en *El Señor Presidente* que simultáneamente ofusca y deslumbra. Sus brillantes imágenes explotan en la pantalla como fuegos artificiales, encegueciendo al espectador⁹².” Esta afirmação do chileno Luis Harss bem podia resumir o romance. De facto, lê-lo é entrar num universo repleto de palavras que se vão transformando em imagens, tornando-se impossível separá-las. E não é necessário avançarmos muito na leitura para termos tal percepção, pois logo o primeiro capítulo nos oferece esse “elemento cinematográfico”, numa descrição minuciosa, tanto de personagens como do meio que as envolve: “Los pordioseros se arrastraban por las cocinas del mercado, perdidos en la sombra de la Catedral helada, de paso hacia la Plaza de Armas, a lo largo de calles tan anchas como mares, en la ciudad que se iba quedando atrás íngrima y sola⁹³.”

A imaginação está presente em cada detalhe. Os objetos ganham vida e o vento ganha forma, agitando bosques repletos de sons, onde aves agourentas fazem parte da paisagem. E é como se elas personificassem a própria morte, sempre presente, sempre à espera da próxima vítima: “[...] árboles secos vestidos de zopilotes, aves negras, que sin quitarle de encima los ojos azulencos, echaron pie a tierra al verle inerte [...]”⁹⁴. A própria cidade respira, num palpar de ruas que ganham vida, testemunhas da crueldade que as rodeia: “Las calles asomaban a las esquinas preguntándose por el lugar del crimen y, como desorientadas, unas corrían hacia los barrios céntricos, y otras hacia los arrabales⁹⁵.”

O escritor imprime na obra um carácter pessoal e faz uso de um estilo peculiar, misturando constantemente sonho e realidade, como o faziam os próprios indígenas ao confundirem o sonhado e o vivido, o real e o irreal. É-nos apresentada uma nova forma de expressão, em que recursos estilísticos, poéticos e retóricos vão desempenhar um papel fundamental, pois é através deles que Asturias decide abordar o universo dramático da ditadura, usando o poder invocador das palavras e a riqueza de uma língua para fazer delas um instrumento de denúncia. O objetivo é bem conseguido, pois não só chega até nós o

⁹² HARSS, Luis, “Miguel Ángel Asturias o la tierra florida”, em: *El Señor Presidente*, Edición crítica: Gerald Martin, Colección Archivos, 1.ª ed, Madrid y Barcelona: ALLCA XX, 2000, p. 805.

⁹³ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 115.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 127.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 161.

ambiente decadente e opressivo de um país inteiro, como também cada diálogo, cada monólogo, cada pensamento. E são, sobretudo, estes que nos conduzem ao mais profundo das personagens, mostrando-nos o que realmente sentem. O narrador oferece-nos, assim, o lado proibido dessas personagens, materializado em pensamentos que ninguém se atreve a verbalizar e que só ele está autorizado a revelar. E é também através deles que melhor compreendemos a essência da obra e a denúncia nela presente. Exemplo disso é o que sente Fedina Rodas ao perceber que o seu filho, a vítima mais inocente, acaba de morrer nos seus braços, vítima da crueldade do Auditor de Guerra: “Y cuando el llanto le faltó que ya no pudo llorar, se fue sintiendo la tumba de su hijo, que de nuevo lo encerraba en su vientre, que era suyo su último interminable sueño⁹⁶.” Ou as palavras desesperadas de Abel Carvajal ao ver-se isolado na sala dos condenados à morte: “—Dios mío, mis pobres carnes heladas tienen más necesidad de calor y más necesidad de luz mis ojos, que todos los hombres juntos del hemisferio que ahora va a alumbrar el sol⁹⁷.”

É precisamente o narrador onisciente que muitas vezes dá à narrativa um toque poético, em que não faltam descrições repletas de pormenores e emoções. Como uma câmara, os seus olhos acompanham cada movimento e a sua capacidade onisciente dá-nos uma dimensão mais real do ditador ao deixar-nos entrar na sua mente. É como se nós próprios fizéssemos parte desse universo, percorrêssemos essas ruas e entrássemos na casa presidencial, onde um ditador vestido de preto nos espera, mais inseguro do que poderíamos imaginar.

É através da distorção da linguagem que a realidade vai sendo modificada, aproximando-se muitas vezes de um surrealismo que Asturias descobriu nos seus anos em Paris e que já tinha usado em 1930, em *Leyendas de Guatemala*. Ao contacto com este movimento artístico e com o realismo mágico se deve, sobretudo, o seu interesse pelos jogos de palavras e pela expressão onírica tão constantes em *El Señor Presidente*. Assim definia o próprio escritor a importância do surrealismo para a realização da sua obra: “El surrealismo, para los escritores latinoamericanos y especialmente para mí, fue una gran posibilidad de independencia respecto a los moldes occidentales. El surrealismo despertó en

⁹⁶ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, pp. 258, 259.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 318.

nosotros el sentir. Favoreció nuestra tendencia a *sentir* las cosas en lugar de pensarlas⁹⁸.” Como num delírio, apresenta-se diante nós um discurso que nos transporta para um universo muitas vezes sem sentido. É como se se descrevesse um país preso num sonho constante, que não consegue ver a diferença entre o real e o imaginário, entre o cómico e o trágico, num mundo onde se perde constantemente a noção dessa linha divisória, se é que ela existe realmente. Encontramos essa distorção logo no início da obra, quando um *Pelee* desesperado começa a delirar:

Y atropellando por todo, seguía a grandes saltos de un volcán a otro, de astro en astro, de cielo en cielo, medio despierto, medio dormido, entre bocas grandes y pequeñas, con dientes y sin dientes, con labios y sin labios, con labios dobles, con pelos, con lenguas dobles, con triples lenguas, que le gritaban: ‘¡Madre! ¡Madre! ¡Madre!’⁹⁹

Ou um Cara de Ángel perdido entre visões do além que parecem anunciar o destino da sua amada Camila: “—¿Quién es, —preguntó el Sueño. Sus hombres acababan de pescar en las aguas sucias de la vida una rosa en vías de marchitarse. —Camila Canales... —le respondieron... —Bien, ponédla, si hay lugar, en la barca de los enamorados que no serán felices...¹⁰⁰.” Neste último exemplo é-nos antecipado o que mais tarde veremos acontecer: uma Camila desesperada que jamais conhecerá a verdade do cruel destino de Cara de Ángel. A antecipação dos acontecimentos é um dos recursos utilizados ao longo da obra e é através dela que vamos antevendo um futuro que finalmente se confirmará. Acrescentemos uma passagem em que Genaro Rodas sente a presença da morte no berço do seu próprio filho: “El fantasma de la muerte se alzaba de la cuna de su hijo, como de un ataúd¹⁰¹.” De facto, esta morte é confirmada mais adiante, quando a criança acaba por sucumbir nos braços de Fedina, impedida de o alimentar.

No que diz respeito ao vocabulário utilizado, este revela-nos a originalidade da obra e mostra-nos que o narrador dá liberdade às palavras e atua sobre elas como um verdadeiro artista, alterando-as, inventando-as e repetindo-as, como podemos ver no seguinte

⁹⁸ LÓPEZ ÁLVAREZ, Luis, *Conversaciones con Miguel Ángel Asturias*, Madrid, Edit. Magisterio Español, 1974, p. 81.

⁹⁹ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 129.

¹⁰⁰ *Ibidem*, pp. 256, 257.

¹⁰¹ *Ibidem*, p. 167.

exemplo: “[...]–¿*Quintín*–qué? –¡Na-pa, la-pa! [...] –... ¡Chu-jú!”¹⁰². É igualmente através de recursos como a onomatopeia que ele dirige a obra, transformando-a em denúncia. Este facto é evidente, por exemplo, na atitude desafiante e burlesca do Presidente (“–¡Já! ¡já! ¡já! ¡já! –rompió a reír señalando a Cara de Ángel–. “¡Já! ¡já! ¡já! ¡já!”¹⁰³) ou na intensificação semântica criada pelo som de um relógio ou tambor imaginários que, sem pressa, vão marcando um tempo sem retorno (“... (tic-tac, tic-tac, tic-tac)”¹⁰⁴; “Tan... tan... tan... Tambor de la casa...”¹⁰⁵) A aliteração é também um recurso estilístico recorrente, muitas vezes usado para intensificar o sentido das palavras. É o caso do parágrafo que inaugura o romance, em que a palavra “Alumbra” se vai repetindo, até se transformar em vocábulos com significados diversos, conduzindo-nos a um mundo que por vezes parece não ter sentido. Este recurso está igualmente presente em exemplos como: “[...] botines abotonados sin abotonar [...]”¹⁰⁶ ou “–¡lógico! ¡lógico! [...] –¡Lógico! ¡Relógico! [...]”¹⁰⁷.

Também não podemos ficar indiferentes ao “poeta-narrador”¹⁰⁸ – assim se referia José Miguel Oviedo ao escritor e à sua obra – quando percebemos o tom inspirador que confere às palavras, mostrando-nos que, apesar de tudo, ainda resta alguma luz nesse espaço condenado à escuridão. Há, de resto, um contraste entre luzes e sombras que vemos repetido ao longo de toda a obra. Vejamos dois exemplos que revelam esse contraste e essa linguagem poética:

Manchas de río reflejaban, entre las sombras, la luz del cielo constelado¹⁰⁹.

La ciudad apuraba la naranjada del crepúsculo vestida de lindos celajes de tarlatana con estrellas en la cabeza como ángel de loa. De los campanarios luminosos caía en las calles el salvavidas del Ave-María¹¹⁰.

¹⁰² ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 270.

¹⁰³ *Ibidem*, p. 336.

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 281.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 290.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 148.

¹⁰⁷ *Ibidem*, p. 164.

¹⁰⁸ OVIEDO, José Miguel, *Historia de la Literatura Hispanoamericana, 2. Del Romanticismo al Modernismo*, Alianza Editorial, S. A., Madrid, 2005, p. 176.

¹⁰⁹ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 306.

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 139.

Pegando neste último exemplo, em que se faz referência a elementos religiosos, constatamos que, ao longo da obra, não faltam alusões a objetos e situações ligadas ao culto religioso. Estes são usados muitas vezes em contextos profanos e bom exemplo disso é a descrição que o narrador faz dos aposentos da dona do prostíbulo *El Dulce Encanto*, onde a última coisa que esperamos encontrar é a imagem de Cristo: “En mesas, cómodas y consolas de mármol amontonábanse estampas, esculturas y relicarios de imágenes religiosas. Una Sagrada Familia sobresalía por el tamaño y la perfección del trabajo. Al Niñito Dios, alto como un lirio, lo único que le faltaba era hablar¹¹¹.” Mostra-se, assim, a hipocrisia de uma sociedade que tanto se dedica a negócios obscuros como se finge crente e piedosa.

Mas a crítica está igualmente presente quando o narrador recorre à comparação e associação com animais para caracterizar determinadas personagens da obra. Normalmente, este recurso é usado de forma pejorativa quando estamos perante uma figura ligada ao Governo e aos seus métodos. O objetivo é colocar essas personagens num plano inferior, tornando-as irracionais. Começemos pelo Presidente, transformado em animal silencioso a traiçoeiro, características, sem dúvida, ligadas à sua personalidade: “El Presidente se levantó funesto. Sus pasos resonaron como pisadas de jaguar [...]”¹¹². Também o Auditor de Guerra, tão entregue à causa, surge ora comparado com um sapo, ora com uma mosca. Para terminar esta sequência, mencionemos Miguel Cara de Ángel, o braço direito do Presidente, comparado aqui com um animal que rasteja na presença do seu amo, algo que, de resto, se confirma repetidas vezes ao longo da narrativa: “[...] como reptil cobarde enroscóse en la duda de se iba o no iba [...]”¹¹³. Os exemplos são vários e não se reduzem somente a estas figuras, pois, em contextos diferentes, há também outras alusões a espécies animais que dão a toda a obra um caráter negativo, degradando ainda mais o ambiente narrado. A este facto podemos ainda acrescentar a constante referência a figuras maléficas que muitas vezes nos colocam num submundo, onde não é estranho nos cruzarmos com o próprio Diabo. Tomemos novamente como exemplo a personagem Cara de Ángel, umas das figuras centrais, que o narrador descreve reiteradas vezes como “[...] bello y malo como Satán”¹¹⁴, atributos que vai perdendo à medida que avança a obra e a personagem vai ganhando

¹¹¹ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 276.

¹¹² *Ibidem*, p. 362.

¹¹³ *Ibidem*, p. 334.

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 145.

características mais humanas. Outros exemplos são usados pelo narrador e todos eles nos conduzem a um lado tenebroso, tão próprio dessa ditadura. A finalidade é criar uma atmosfera de pesadelo que nos transporte para esse universo e nos permita conhecer mais de perto os mecanismos de um regime que tudo controla.

III. Características inerentes à figura do ditador

Quando nos referimos à figura do ditador e nos propomos estudar a sua personalidade, é importante termos em conta determinados elementos que surgem no *romance de ditador*. Estes manifestam-se sobretudo através de diferentes atributos que se vão repetindo ao longo da obra e que o autor utiliza para descrever não só essa personagem, mas também o ambiente que a rodeia.

Em *El Señor Presidente* podemos ver que existem certas características diretamente ligadas ao ditador que se manifestam em toda a narrativa. Ao tomarmos contacto com esta personagem, de imediato percebemos nela um constante sentimento de absoluta superioridade e um apetite insaciável de poder, factos que o tornam um ser temível. O ditador aqui descrito parece dotado de onisciência e onnipresença, como se ele próprio não fosse humano. A esta figura daremos agora uma atenção mais detalhada e tentaremos traçar a sua personalidade, assim como interpretar os seus atos públicos e privados.

III.1. O ditador em *El Señor Presidente*

Para que possamos compreender melhor o momento histórico que o autor quis denunciar nesta obra, torna-se necessário tomar como base a personagem histórica. Para tal e, partindo do facto de Asturias ter retratado nela a ditadura vivida na Guatemala entre 1898 e 1920, teremos em conta algumas obras que retratam o ditador Manuel Estrada Cabrera e o período da sua ditadura, e que nos oferecem dados que nos vão permitir conhecer melhor a sua personalidade. Uma delas é o ensaio de Gail Martin, intitulado “Manuel Estrada Cabrera 1898- 1920: ‘El Señor Presidente’”. Nele, a autora traça não só essa época histórica concreta, mas também os antecedentes do ditador antes de chegar ao poder. Também nos serão úteis *La máquina dictatorial: Poder y narrativa en Guatemala, Colombia y Venezuela*, de Julio Quintero; *Guatemala, Las líneas de su mano*, de Luis Cardoza y Aragón, e *¡Ecce Pericles!*, de Rafael Arévalo Martínez. Através delas poderemos conhecer melhor a vida e o percurso político do então presidente Manuel Estrada Cabrera.

Nesta fase e a propósito da última obra atrás mencionada, usemos aqui uma citação de Rafael Arévalo Martínez que, de certa forma, resume a situação vivida nessa Guatemala tão castigada:

Pero pasa en Guatemala lo que ocurre en todo país dominado por la tiranía. Todo aquel que no aplaude los actos del gobierno; que no acude a los festejos oficiales, dispuesto a elogiarlo todo, hasta lo malo; que no felicita por medio de serviles cartas o telegramas al presidente de la república [...]; que no contribuye *voluntariamente* con dinero [...], etcétera, etcétera, incurre en el enojo del gobernante y por consiguiente en el de sus sicarios; se le considera como enemigo del gobierno, como opositor sistemático, como persona a quien se debe castigar. [...] Ocho días, quince, un mes, tres meses y más aún se tiene al infeliz completamente incomunicado de todo el mundo [...]¹¹⁵.

Era esse o cenário de um país sem voz, condenado a obedecer a um “[...] extraño y escurridizo bicho notarial [...]”¹¹⁶. Asturias valeu-se dessa época histórica e da figura sinistra do ditador para dar vida à personagem de *El Señor Presidente* e delinear as características da sociedade por ele controlada.

Apesar de ser uma das personagens mais importantes, são poucas as vezes que o Presidente se deixa ver ao longo do romance, sendo a sua morada um verdadeiro mistério. No entanto, a sua presença é absoluta e a sua sombra permanente, manifestadas quer através dos seus próprios atos, quer através dos atos dos seus muitos aliados e inimigos, todos eles ligados a si direta ou indiretamente. Podemos inclusive afirmar que a sua personalidade, para além das poucas vezes que intervém diretamente, nos é dada a conhecer através de outras personagens e episódios sem que ele esteja presente. Acrescentamos aqui um exemplo através do qual podemos perceber o desejo que o ditador tem de se ocultar e o medo que certamente sente, ao ser tão temido e odiado:

[...] fantasmas envueltos en ponchos a rayas, que en las ventanas de los cuarteles vecinos velaban en pie de guerra, como todas las noches, al cuidado del Presidente de la República, cuyo domicilio se ignoraba porque habitaba en las afueras de la ciudad muchas casas a la vez, cómo

¹¹⁵ ARÉVALO MARTÍNEZ, Rafael, *¡Ecce Pericles!*, 1.ª ed., Guatemala, Tipografía Nacional, [1945], pp. 133-134.

¹¹⁶ CARDOZA Y ARAGÓN, Luis, *Guatemala, Las líneas de su mano*, Fondo de Cultura Económica, Colección Popular, México-Buenos Aires, 1965, p. 333.

dormía porque se contaba que al lado de un teléfono con un látigo en la mano, y a qué hora, porque sus amigos aseguraban que no dormía nunca¹¹⁷.

Não é difícil percebermos que esta é uma personagem fora do comum, um ser misterioso que poucas vezes se deixa ver e ouvir. Mas por que motivo se esconde quando é ele que mais poder tem? E que medo será esse que o mantém vigilante? Percebemos que o ditador quer manter-se oculto para não mostrar a sua verdadeira personalidade e para que ninguém conheça as suas fraquezas. Também é evidente que lhe custa enfrentar essa multidão que o venera e que ele, no fundo, sabe que também o teme. O Presidente tem consciência de que “es, en realidad, un satánico dictador [...]”¹¹⁸, como o descreve o crítico argentino Enrique Anderson Imbert.

Ao longo do texto há uma constante referência a esta figura enigmática, facto que se verifica em praticamente todos os capítulos. Além disso, é relevante acrescentar que a própria menção ao ditador, concretizada nas duas palavras “Señor Presidente”, surge continuamente em letra maiúscula, acreditamos que para recalcar a sua importância e o respeito exagerado que se lhe tem, assim como para colocá-lo ao mesmo nível de uma divindade que os homens temem e veneram com a mesma intensidade. E é quase no início do romance que percebemos o seu enaltecimento nas seguintes palavras: “[...] Presidente de la República, Benemérito de la Patria, Jefe del Gran Partido Liberal y Protector de la Juventud Estudiosa¹¹⁹.” Verifica-se uma adoração e uma lealdade desmedidas e tudo nos leva a pensar que estas se devem, sobretudo, à sua figura dominante e ao temor que causa. Encontramos um número significativo de atributos positivos que surgem quase automaticamente sempre que o ditador é mencionado na obra, atributos que têm como principal finalidade colocar o Presidente num plano superior. E é a sua imagem misteriosa e essa devoção que nos conduzem à ideia de que a sua figura tem uma dimensão divina só comparável à de um deus. Para provar esta afirmação, vejamos as palavras que lhe são dedicadas pela multidão que o espera, quando aparece em público: “¡Señor, Señor, llenos están los cielos y la tierra de vuestra gloria!”¹²⁰ É inegável que elas só poderiam ser dirigidas

¹¹⁷ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 119.

¹¹⁸ ANDERSON IMBERT, Enrique, “Análisis de *El Señor Presidente*”, *Revista Iberoamericana*, n.º 67, Pittsburgh, 1969, p. 53.

¹¹⁹ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 133.

¹²⁰ *Ibidem*, p. 206.

a um Deus e que, portanto, o Presidente é aqui colocado ao mesmo nível. E ainda mais explícita é a descrição que se segue: “Las señoras sentían el divino poder del Dios Amado. Sacerdotes de mucha envidia le incensaban¹²¹.” Neste contexto, interessa acrescentar que a visão do povo está totalmente desligada da realidade e que a sua capacidade analítica foi anulada pelo regime. Não se trata só de um domínio físico, é também um domínio intelectual. Palavras como “Grande entre los Grandes, Sabio entre los Sabios, Liberal, pensador y Demócrata [...]”¹²² refletem uma espécie de delírio que nubla as mentes e que chega a controlar os pensamentos e as vontades. O cidadão comum não é mais do que “[...] un fragmento adherido a la máquina [...]”¹²³.

É através de atributos sempre excessivos que percebemos a importância do Presidente e o domínio que tem sobre os demais. A sua autoridade revela-nos uma extraordinária eficiência para se manter no poder, usando uma espécie de magnetismo invisível, mas sempre eficaz. A propósito dessa autoridade, destacamos aqui o capítulo intitulado “El parte al Señor Presidente”, em que esta é bem visível. Nele encontramos um número significativo de relatórios que lhe são enviados, informando-o dos mais ínfimos movimentos. Surpreende ver como os cidadãos se delatam e se vigiam entre si, embora entendamos que o façam coagidos, pois assim opera a ditadura. Este capítulo tem como principal função reforçar o ambiente de servilismo e corrupção que o Presidente e o seu regime originam e o controlo a que está submetida grande parte da sociedade. Cabe ainda acrescentar que esta ampla rede de espias, sempre ligada ao ditador e pronta para o informar, abarca toda a população, incluindo diferentes classes sociais. Para Julio Quintero, estes espias “[...] funcionan como pequeñas máquinas conectadas a la máquina de vigilancia, cuyo objetivo es la producción de flujos de información, interrumpidos y vueltos a ensamblar en la máquina dictatorial”¹²⁴. Vejamos um exemplo que nos mostra como esse servilismo é capaz de transformar pequenos atos em delitos: “Nicomedes Aceituno, agente viajero, pone en conocimiento que el que desperfeccionó el nombre del Señor Presidente en la caja de agua fue el tenedor de libros Guillermo Lizano, en estado de ebriedad¹²⁵.” Há ainda quem

¹²¹ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 206.

¹²² *Ibidem*, p. 370.

¹²³ QUINTERO, Julio, *La maquina dictatorial: Poder y narrativa en Guatemala, Colombia y Venezuela*, Serie Nuevo Siglo, Pittsburgh, 2016, p. 16.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 45.

¹²⁵ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 268.

dedique ao ditador palavras de afeto e importantes cerimónias, confirmando o controlo total a que está sujeita a sociedade.

Também os seus colaboradores mais próximos, como Cara de Ángel, lhe dedicam palavras de adulação, supomos que mais por temê-lo do que por admirá-lo: “[...] el Señor Presidente sabe que me tiene para todo lo que él ordene incondicionalmente a sus órdenes [...] –El Señor Presidente no puede dudar de mi incondicional adhesión a su persona y a su gobierno [...]”¹²⁶. Mas nos elogios que lhe dedicam há também uma certa ironia e é possível senti-la no discurso que lhe dedica uma cidadã chamada *Lengua de Vaca*. A situação jocosa está já presente nessa alcunha tão caricata, usada para ridicularizar o discurso em honra do Presidente e a sua própria imagem. A linguagem usada nessa intervenção chega a ser cómica:

¡Mercé a eso, el pabellón sigue ondeando impoluto y no ha huido del escudo patrio el ave que, como el ave ‘tenis’, renació de las cenizas de los ‘manos’ –corrigiéndose–, ‘mames’ [...] ratificando de tal suerte el anhelo de libertá que habían manifestado los ‘mames’ –corrigiéndose– ‘manes’ indios que lucharon hasta la muerte [...]”¹²⁷.

Não obstante, nem só de atributos positivos se serve o narrador para se referir ao ditador, há também palavras e situações através das quais podemos perceber a sua atitude despótica:

[...] el Señor Presidente estaba como endemoniado [...]”¹²⁸.

[...] la regla de conducta del Señor Presidente es no dar esperanzas y pisotearlos y zurrarse en todos porque sí”¹²⁹.

Muitas vezes estes atributos – quer positivos, quer negativos – não estão explícitos, mas percebem-se através de todas as ações e palavras do Presidente ou de quem as comete ou profere em seu nome. Não é necessário avançarmos muito para que ele intervenha na obra.

¹²⁶ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 374.

¹²⁷ *Ibidem*, p. 208.

¹²⁸ *Ibidem*, p. 143.

¹²⁹ *Ibidem*, p. 348.

É no quinto capítulo que vamos ouvi-lo falar pela primeira vez num tom ameaçador, impondo o seu carácter:

El Presidente de la República le recibió de pie [...] y, sin darle tiempo a que lo saludara, le cantó:

– Yo le diré, don Luis, ¡y eso sí!, que no estoy dispuesto a que por chismes de mediquetes se menoscabe el crédito de mi gobierno en lo más mínimo. ¡Deberían saberlo mis enemigos para no descuidarse, porque a la primera, les boto la cabeza! ¡Retírese! ¡Salga!..., y llame a ese animal!¹³⁰

Como todo o ditador – e Asturias quis deixar este facto bem evidente –, o seu principal objetivo é destruir os opositores, de quem tem medo, para assim se manter no poder. Deste modo, vai criando uma atmosfera de temor, em que só ele e os seus cúmplices se movem livremente e em que só eles parecem poder decidir o que vai acontecer. O ditador aqui descrito é uma figura inteligente, capaz de manipular toda a sociedade, levando-a a cometer um crime ou a aceitar as circunstâncias. Dos seus aliados espera uma lealdade cega e é assim que consegue manter-se no poder, sem que nenhum opositor consiga derrubá-lo e sem que nada nem ninguém possa insurgir-se contra a sua tirania. Este facto, sem dúvida, demonstra a sua capacidade de liderança e confirma a sua estrutura inabalável. Interessante a descrição que Cedomil Goic faz da personagem: “La figura del Señor Presidente encarna el carácter difuso, inasible e incierto del poder maligno. Es una potencia incontrarrestable, aniquiladora y mortífera, en su imperio absoluto; cruel y sanguinaria, en su demoníaco carácter; perversamente cómico en el espectáculo de su propio poderío¹³¹.”

Por outro lado, também é um homem reservado que raramente vemos expressar emoções e, quando o faz, é normalmente para transmitir a sua fúria e a sua superioridade: “–¡General, que le den doscientos palos a éste, ya ya! –rugió el Presidente [...]”¹³².

Mas há também situações em que, através das palavras do narrador, conhecemos um outro Presidente, mais sensível:

¹³⁰ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 139.

¹³¹ GOIC, Cedomil, “El Señor Presidente de Miguel Ángel Asturias”, *Historia y Crítica de la Literatura Hispanoamericana*, Vol. III, Época Contemporánea, Editorial Crítica, Barcelona, 1988, p. 368.

¹³² ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 143.

Al hablar de su pueblo natal frunció el entrecejo [...]. Un columbrón a las calles que transitó de niño, pobre, injustamente pobre, que transitó de joven [...]. Se vio empequeñecido en el hoyo de sus coterráneos, aislado de todos y bajo el velón que le permitía instruirse en las noches, mientras su madre dormía en un catre de tijera y el viento con olor de carnero y cuernos de chiflón topeteaba las calles desiertas. Y se vio más tarde en su oficina de abogado de tercera clase, entre marraneras, jugadores, cholojeras, cuatrerros, visto de menos por sus colegas que seguían pleitos de campanillas¹³³.

El amo tragó saliva amarga evocando tal vez sus años de estudiante, al lado de su madre sin recursos, en una ciudad empedrada de malas voluntades [...]¹³⁴.

E é como se esta terrível personagem também tivesse uma vida e um lado sentimental que só descobrimos já avançada a obra. Num passado *injustamente pobre*, deparamo-nos com um cidadão revoltado com a dura realidade que é então obrigado a viver, retratada numa infância de carências e discriminação. E não que essa dura infância justifique inteiramente os seus atos presentes, mas é aqui usada para despertar um sentimento de compaixão e para nos levar a crer que, no fundo, é um ser atormentado e talvez a personagem mais angustiada de toda a obra. Segue-se um exemplo que nos transmite o sentimento de abandono e solidão que ele tenta ocultar diante da multidão: “El silencio reinaba en torno suyo. Bajo el peso de una gran tristeza que pronto debeló con rabia para que no le llegara a los ojos, se levantó del asiento y fue al balcón¹³⁵.” Apesar do autocontrolo que pretende transmitir, a sua personalidade vê-se afetada por recordações que lhe trazem à memória o quão doloroso e medíocre foi o seu passado. E é talvez para tentar apagar essas lembranças que decidiu transformar-se no homem que agora conhecemos: frio, inacessível e impiedoso, e que exige o respeito e a admiração que outrora não teve. Surgem então algumas questões pertinentes: é o passado do ditador suficiente para que as suas ações do presente sejam compreendidas? E que peso pode ter uma infância de privações no seu carácter revoltado? É aceitável que o Presidente não possa esquecer um passado de tantas carências, mas este facto não justifica a sua personalidade vingativa, e menos que essa fúria recaia sobre a mesma classe social à qual pertenceu no passado.

¹³³ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 337.

¹³⁴ *Ibidem*, p. 207.

¹³⁵ *Ibidem*, p. 207.

Debrucemo-nos agora sobre o aspeto do Presidente. Ao longo da obra, esta personagem aparece descrita de duas formas diferentes. Uma exterior e algo indefinida, e outra interior, também ela pouco profunda. Ao delinear o aspeto do ditador, o narrador pretende transmitir ao leitor a sua aparência funesta, no seu luto permanente. Cria-se, assim, um vínculo entre o aspecto do Presidente e a própria morte, sempre associada a cores sombrias: “El Presidente vestía, como siempre, de luto riguroso: negros los zapatos, negro el traje, negra la corbata, negro el sombrero que nunca se quitaba; en los bigotes canos, peinados sobre las comisuras de los labios, disimulaba las encías sin dientes [...]”¹³⁶.” A mesma descrição exterior, que realça o estilo lúgubre do ditador, reaparece na obra, mais adiante: “Traje negro, sombrero negro, botines negros [...]”¹³⁷.” Este luto, de certa maneira, também transmite o seu carácter, facto que se observa através de outras descrições, igualmente fugazes: “Por la sala en desorden paseó la mirada llena de cadáveres [...]”¹³⁸.” Ambas as descrições, tanto físicas, como psicológicas, se caracterizam pela sua concisão e levam o leitor a construir uma imagem misteriosa do ditador, conduzindo à mitificação da personagem. Contudo, não é só a sua imagem exterior ou o seu carácter que nos levam a imaginar um ser com tais características, é também o ambiente em que este se move:

Todo le pareció fácil antes que ladraran los perros en el bosque monstruoso que separaba al Señor Presidente de sus enemigos, bosque de árboles de orejas que al menor eco se revolvían como agitadas por el huracán. Ni una brizna de ruido quedaba leguas a la redonda con el hambre de aquellos millones de cartílagos¹³⁹.

Estas palavras mostram-nos quão medonho é o espaço e o ambiente que rodeiam a figura do Presidente e como ele está protegido e em permanente alerta. Enquanto as ruas da cidade se agitam num bulício constante, onde o mais ínfimo movimento é controlado pelo regime, o *bosque monstruoso* permanece em silêncio, um silêncio que parece sepulcral, como se o próprio presidente fosse uma figura fantasmagórica.

Dotado de uma voz soberana e perfeitamente consciente da sua impunidade, esta personagem e o seu regime conferem à narrativa uma espécie de clima apocalíptico, no qual

¹³⁶ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 145.

¹³⁷ *Ibidem*, p. 372.

¹³⁸ *Ibidem*, p. 337.

¹³⁹ *Ibidem*, p. 147.

se move uma sociedade sem rumo e sem esperança. Eis um excerto da obra que nos transmite esse desalento:

—... No hay esperanzas de libertad, mis amigos; estamos condenados a soportarlo hasta que Dios quiera. Los ciudadanos que anhelaban el bien de la patria están lejos; unos piden limosna en casa ajena, otros pudren tierra en fosa común. Las calles van a cerrarse un día de éstos horrorizadas. Los árboles ya no frutecen como antes. El maíz ya no alimenta. El sueño ya no reposa. El agua ya no refresca. El aire se hace irrespirable¹⁴⁰.

À partida, é inevitável pensarmos na culpabilidade de uma só figura, a do Presidente. Contudo, verificamos que há toda uma rede de intermediários também eles maléficos e capazes de tudo para agradar o seu superior e conseguir benefícios dessa ligação. Chama a atenção a afirmação de Lanoël-d'Aussenac sobre este tema: “El príncipe de Maquiavelo o el presidente de la novela de Asturias sólo son la cabeza visible de una gran pirámide jerárquica formada por algunos miles de beneficiarios del régimen, que cumplen sus funciones en los diferentes estamentos del sistema [...]”¹⁴¹.” Acrescentemos aqui alguns exemplos que tão bem traduzem a lealdade ao Presidente ao longo da obra. A primeira encontramos-la no segundo capítulo e é talvez esta referência ao ditador e ao seu poder que dá início a todos os atos que se vão praticar em seu nome: “Y corrió a dar parte al Señor Presidente de las primeras diligencias del proceso [...]”¹⁴².” É este processo que levará muitos inocentes a verem-se implicados na teia tecida pela ditadura e a pagarem por algo que eles próprios desconhecem. Mas há outro excerto que nos mostra mais claramente o domínio que exerce o Presidente e como tudo chega até ele: “Una red de hilos invisibles, más invisibles que los hilos del telégrafo, comunicaba cada hoja con el Señor Presidente, atento a lo que pasaba en las vísceras más secretas de los ciudadanos”¹⁴³.” Também não passa despercebida a atitude opressiva dos seus colaboradores: “La mirada del Auditor de Guerra dividió como un rayo a Niña Fedina. Un oficial y un sargento la habían traído casi a la fuerza

¹⁴⁰ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, pp. 315-316.

¹⁴¹ LANOËL-D'AUSSENAC, Alejandro, Prólogo de *El Señor Presidente*, Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 58.

¹⁴² ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 125.

¹⁴³ *Ibidem*, p. 147.

adonde él vociferaba¹⁴⁴.” E é assim, através destes elementos, que o narrador nos vai dando a conhecer os mecanismos através dos quais se rege a ditadura.

A personalidade do ditador pode ser também revelada através de uma cena inesperada que ocorre no capítulo intitulado “El Señor Presidente”, inteiramente dedicado ao ditador e em que, possivelmente, este se dá a conhecer melhor do que nunca. É então que ele se embriaga e vomita sobre Cara de Ángel e sobre um recipiente que no fundo tem gravado o escudo nacional. Nesta passagem vemos, por um lado, o desprezo evidente pelo seu semelhante, e por outro, pelo próprio país por ele governado. Este facto só vem reafirmar o seu carácter dominante e misantropo, refletido na repulsa que sente em relação ao povo e ao país que julga tão seus. Neste capítulo intuímos também um Presidente mais fragilizado, no seu aspecto desalinhado: “[...] la falda de la camisa al aire, la bragueta abierta, los zapatos sin abrochar, la boca untada de babas y los ojos de excrecencias color de yema de huevo”¹⁴⁵. Em privado, o Presidente está longe de parecer o ditador altivo que aparece em público, mostrando-nos aqui não só um aspecto exterior diferente, mas também um comportamento descontrolado. Contudo, nem só esta passagem surpreende. Também a sua atitude indulgente ao mostrar-se defensor dos mais desfavorecidos nos revela um outro Presidente. Vejamos, pois, alguns exemplos que corroboram esta afirmação:

—¡Qué cuento es ése! ¡Alguien que se precia de ser amigo del Presidente de la República no abandona en la calle a un infeliz herido víctima de oculta mano!¹⁴⁶

—¡Vea, señor Auditor —le dijo el Presidente al concluir aquél de exponerle los hechos—; déjeme aquí esa causa y óigame lo que le voy a decir: ni la señora de Rodas ni Miguel son culpables; a esa señora mándela poner en libertad y rompa esa orden de captura [...]”¹⁴⁷.

A análise destes comportamentos, tão antagónicos, leva-nos a concluir que a imagem que o ditador transmite é fruto da sua própria criação. O seu objetivo é manter uma aparência dominante e arbitrária, pois para ele esta é a única forma de controlar tudo o que o rodeia. No fundo, ao conhecermos melhor o Presidente, percebemos nele uma fragilidade

¹⁴⁴ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 202.

¹⁴⁵ *Ibidem*, p. 337.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 145.

¹⁴⁷ *Ibidem*, p. 244.

inesperada e uma amargura provocada por um complexo de inferioridade que o leva a atuar dessa forma violenta.

Para terminar este capítulo, acrescentamos outro aspeto importante que distingue esta personagem: a mentira que usa em seu benefício ou simplesmente para se vingar. Convencido de que o seu *favorito*, Cara de Ángel, o traiçooou, o ditador prepara-lhe uma emboscada, dando-lhe uma suposta missão fora do país. Perante as palavras de ordem do Presidente e após sentir a presença do deus Tohil exigindo o seu sacrifício, Cara de Ángel apercebe-se de que também ele, outrora o homem de confiança do Presidente, corre agora perigo de vida: “Una palpitación subterránea de reloj subterráneo que marca horas fatales empezaba para Cara de Ángel¹⁴⁸.” E eis que os seus temores se confirmam quando percebe que, de facto, foi enganado e que vai ser levado para uma prisão subterrânea, onde será torturado e de onde jamais voltará a sair. Vejamos em que estado se encontrava o prisioneiro depois de tantos anos de cativeiro:

A tirar de años había envejecido el prisionero del diecisiete, aunque más usan las penas que los años. Profundas e incontables arrugas alforzaban su cara y botaba las canas como las alas las hormigas de invierno. [...] Sin aire, sin sol, sin movimiento, diarreico, reumático, padeciendo neuralgias errantes, casi ciego [...] ¹⁴⁹.

A vingança do Presidente não se limita à tortura física de Cara de Ángel, vai muito mais além ao fazê-lo acreditar que Camila, pensando que o marido a abandonou, se transforma numa das suas amantes. Para consegui-lo, faz entrar um falso prisioneiro na sua cela, com a única missão de atormentá-lo com essa cruel mentira. O resultado é o desejado: “A partir de ese momento el prisionero empezó a rascarse como si le comiera el cuerpo que ya no sentía, se arañó la cara por enjugarse el llanto en donde sólo le quedaba la piel lejana y se llevó la mano al pecho sin encontrarse: una telaraña de polvo húmedo había caído al suelo...”¹⁵⁰

¹⁴⁸ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 375.

¹⁴⁹ *Ibidem*, p. 398.

¹⁵⁰ *Ibidem*, p. 400.

III. 2. A relação do Presidente com a figura feminina

Num universo maioritariamente masculino, em que as figuras que detêm mais poder são homens, surgem algumas personagens femininas que conseguem entrar no mundo hermético do ditador, despertando nele alguma emoção. Falamos, sobretudo, na figura materna que, embora não sendo uma presença física, parece continuar viva na mente do Presidente, estabelecendo uma ligação entre o seu passado e o seu presente.

A figura materna referida na obra constitui, assim, um dos poucos elos sentimentais que confere ao ditador características humanas e que nos mostra que este, afinal, é capaz de comover-se. A mãe do Presidente (e do próprio Manuel Estrada Cabrera) foi para ele um apoio importante, marcando para sempre a sua existência e as suas memórias. E esta parece estar ainda bem presente na vida da personagem do romance. Prova disso é o facto de este assinalar a data da sua morte mediante a publicação de um memorando. Dele conhecemos unicamente esta ligação e o contacto mais próximo que outrora teve com “doña Chón”, proprietária do prostíbulo *El Dulce Encanto*. Vejamos os excertos que confirmam essa relação: “[...] doña Chón (diminutivo de Concepción, su verdadero nombre), a la edad de veinte años, cuando tuvo a sus plantas a un Presidente de la República que le ofrecía llevársela a París de Francia [...]”¹⁵¹. Ou nas palavras da própria Chón ao afirmar: “[...] somos viejas amistades; cuando no era más que ministro tuvo pasión por mí”¹⁵². Mas não se trata só de algo do passado, pois com ela mantém ainda uma amizade que se deve, sobretudo, ao contacto íntimo que tem com o prostíbulo, a que recorre quando assim o deseja. É relevante referir aqui o facto de as personagens que compõem essa casa fazerem parte de um negócio sórdido do regime, que as torna injustamente prisioneiras para depois as vender a um preço elevado, sendo os membros do regime também eles clientes habituais do prostíbulo. Cabe ainda acrescentar que a relação que une essas personagens femininas é admirável, tendo em conta as suas vidas miseráveis. Apesar da sua situação infame, percebemos alguma compaixão entre elas, algo que poucas vezes se verifica noutras personagens. O narrador recorre, assim, ao comportamento de determinados grupos sociais com o objetivo de criticar

¹⁵¹ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 276.

¹⁵² *Ibidem*, p. 280.

duramente aquela que, segundo as palavras de Bellini é “[...] la clase dominante, cerrada a la piedad, ávida solamente de riqueza, dedicada sólo al atropello y la violencia”¹⁵³.

Voltando à dona do prostíbulo, é também através dela que conhecemos um pouco mais da infância do ditador: “A él le daban miedo los entierros [...]. Era muy lleno de cuentos y muy niño. Con nadita que fuera contra él creiba lo que se le contaba, o cuando era para darle el pase de su talento¹⁵⁴.” Chama a atenção o facto de o então jovem Presidente temer tanto a morte, uma morte que, mais tarde, fará parte da sua ditadura e cuja execução estará nas suas mãos. Também o seu carácter começa já então a manifestar-se, revelando um certo gosto pela adulação, gosto este que também vemos surgir mais tarde, quando o seu ainda *favorito* Miguel Cara de Ángel o enaltece: “Una sonrisa casi imperceptible se dibujó bajo el bigote del Presidente [...]”¹⁵⁵. Este é, de resto, o único momento em que o vemos expressar alguma satisfação. Estas características fazem-nos pensar na personalidade do próprio Manuel Estrada Cabrera, que, segundo Rafael Arévalo Martínez, agradecia todo o género de elogios e não perdoava nem a mais pequena afronta.

Mas regressemos à personagem da obra. Com tão poucos contactos, constatamos que o Presidente é uma figura solitária, sem família que se conheça no presente, nem relações afetivas. E é talvez para combater essa solidão e preencher o vazio de uma vida tão isolada que se faz rodear por concubinas, levadas até ele pelos seus servidores: “Un carruaje ocupado por un oficial los pasó rozando. [...] ¡Jaque a la Reina!, se dijo Cara de Ángel, viendo desaparecer la exhalación en que iba aquel oficial en busca de una de las concubinas del Señor Presidente. Parecía un mensajero de los dioses¹⁵⁶.” Estas figuras entram na sua vida de uma forma transitória, porque ele assim o deseja, como se recusasse estabelecer qualquer ligação afetiva, preferindo a solidão dos seus aposentos. É nesse isolamento que o ditador traça o funcionamento do Governo e forja vinganças. E é também nesse espaço que é invisível aos olhos da sociedade e onde decide execuções e tece os pensamentos mais atrozes.

¹⁵³ BELLINI, Giuseppe, “La denuncia de la dictadura: *El Señor Presidente*”, *Mundo mágico y mundo real: la narrativa de Miguel Ángel Asturias*, Editorial Bulzoni, Roma, 1999, p. 35.

¹⁵⁴ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 280.

¹⁵⁵ *Ibidem*, p. 146.

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 340.

Vejamos com mais pormenor que relação mantém com outras figuras femininas. Apesar de não nos ser oferecida muita informação neste sentido, podemos perceber através de determinadas passagens que algumas mulheres são por ele usadas com todo o desprezo. Assim se refere a personagem Miguel Cara de Ángel à conduta do tirano: “[...] un par de señoras de aquéllas, aquéllas. Sé de dos que el Señor Presidente tiene sobre la nuca. Pues con ésas. Pues con ésas. Pero una de ellas está embarazada. No importa. Mejor. Cuando el Señor Presidente quiere algo no es cosa de andarle mirando el vientre a la futura...”¹⁵⁷ Esta última afirmação volta a pôr em evidência o carácter do Presidente e o seu poder absoluto, não havendo nada que lhe seja negado, nem nada que não esteja ao seu alcance. Por outro lado, e em oposição a esta atitude desprezível, o ditador é também capaz de se mostrar um sedutor para com as mulheres de uma classe social mais alta, dedicando-lhes belos poemas. E quer fazê-lo sem concorrência, para que nenhum homem lhe roube a atenção que deseja ter:

—General... —resonó la voz del Presidente—, haga salir a los señores, que quiero cenar solo con las señoras... Por las puertas que daban frente a la noche clara fueron saliendo los hombres en grupo compacto sin chistar palabra [...] —El Pueta puede quedarse... —insinuó el Presidente. [...] —Recite, Pueta —ordenó el Presidente—, pero algo bueno; el *Cantar de los Cantares*...¹⁵⁸

O que ele certamente não intui é que a sua simples presença as intimida, deixando-as sem palavras: “Su Excelencia conversaba con un canónigo [...], en un grupo de señoras que al aproximarse al amo se quedaban con lo que iban diciendo metido en la boca, como el que se traga una candela encendida, y no se atreve a respirar ni a abrir los labios [...]”¹⁵⁹. Assim vemos que nem só a classe baixa o teme, também o seu círculo mais chegado se mostra amedrontado. Este facto vem provar, uma vez mais, o domínio que a sua presença exerce sobre os demais, independentemente das circunstâncias.

Outra figura feminina com algum relevo na obra e que, de certa maneira, desestabiliza a vida do Presidente é Camila. O facto é que, sem querer, esta personagem leva o ditador a vingar-se de Miguel Cara de Ángel, outrora o seu homem de confiança. Ao

¹⁵⁷ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 254.

¹⁵⁸ *Ibidem*, p. 361.

¹⁵⁹ *Ibidem*, p. 360.

casar-se com a filha de um dos inimigos do regime, sem consultar o Presidente, o *favorito* perde todos os seus privilégios, transformando-se, também ele, num inimigo a eliminar. Mas Camila sofrerá igualmente as consequências. Agora sozinha, forçadamente separada do marido, de quem lhe chegam escassas e contraditórias notícias, decide abandonar a cidade, onde já nada nem ninguém lhe resta, para se refugiar no campo com o filho. Este episódio prova que o Presidente e o seu regime não deixam ninguém impune, transformando as pessoas em meras sombras daquilo que foram. Tomemos como exemplo uma Camila ainda alheia à tragédia que sobre ela desabarà: “[...] Camila, el pelo en llamas negras alborotado, la cara trigueña lustrosa de manteca de cacao para despercudirse, náufragos los ojos verdes [...]”¹⁶⁰.” E mais tarde, assim a encontramos: “Enflaquecida, con arrugas de gata vieja en la cara cuando apenas contaba veinte años, ya sólo ojos, ojos verdes y ojeras grandes como sus orejas transparentes [...]”¹⁶¹.” Camila vem, assim, confirmar a transformação a que estão sujeitas as personagens ao longo da obra, pois esse ambiente opressor encarrega-se de modificá-las, de levá-las à loucura e de anulá-las como seres humanos.

Não poderíamos terminar este capítulo sem referir outras personagens femininas que surgem ao longo do romance e que, direta ou indiretamente, têm alguma relação com o Presidente. É o caso da figura materna do mendigo *Pelele* que ele vê em sonhos e que tenta consolá-lo, envolvendo-o num abraço. É interessante esta aparição de uma pobre mãe que pouco ou nada teve para oferecer ao filho, tal como outrora não teve a mãe do Presidente. E, embora a vida de ambos esteja em mundos opostos, nenhum deles pode escapar à mágoa desse passado, nem a essa figura que para eles continua a ser a mais importante. Mas nem só estas duas personagens recordam o passado de uma forma nostálgica. A figura materna surge outras vezes ao longo da obra e podemos inclusive afirmar que, no fundo, ela está sempre presente. Presente nas recordações do Presidente, nos sonhos de *Pelele*, nas fotografias do álbum de família de Camila, nos pensamentos de Miguel Cara de Ángel ou na vida de Fedina Rodas, a personagem feminina que melhor representa esse vínculo. Ao apresentar-nos a sua história, o narrador permite-nos ser testemunhas diretas do seu sofrimento, mostrando-nos o lado mais extremo da ditadura.

¹⁶⁰ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 187.

¹⁶¹ *Ibidem*, p. 393.

IV. Desintegração social

“¡Alumbra, lumbre de alumbre, Luzbel de piedralumbre, sobre la podredumbre! ¡Alumbra, lumbre de alumbre, sobre la podredumbre, Luzbel de piedralumbre! [...]”¹⁶².

Estas primeiras palavras, tão misteriosas, transmitem uma certa estranheza a quem as lê. Na verdade, não sabemos por que razão foram aí colocadas, nem quem as profere, mas sabemos que não é possível ignorar o seu poder invocador, nem ficar indiferentes à sua repetição. São elas que antecipam a atmosfera perturbadora presente ao longo de toda a narrativa. A presença e o caráter do *Señor Presidente* são já evidentes na palavra *Luzbel*¹⁶³ que, tão expressivamente, domina o primeiro parágrafo do romance. O narrador prepara-nos, deste modo, para o inferno que se avizinha, caracterizado por um espaço desfigurado, onde as almas imploram clemência e de onde jamais poderão sair. Esta ideia está também reforçada pela palavra “podredumbre”, que, de certa maneira, descreve o regime e todo o ambiente ao seu redor.

Estamos perante uma obra em que a maior parte das personagens, representadas coletiva ou individualmente, são vítimas da crueldade de um sistema instaurado e aparentemente sólido. E são elas que, de certa forma, nos transmitem esse sofrimento, não só através de palavras, mas também dos seus atos. É igualmente notória a delimitação existente entre as diferentes classes sociais. Temos uma classe desprotegida e marginalizada que funciona como o pilar central da obra e que, tal como numa peça de teatro, vagueia por uma espécie de palco que nos é apresentado logo no primeiro capítulo “En el Portal del Señor”. O narrador mostra-nos aqui as personagens mais miseráveis e solitárias: um grupo de mendigos abandonados à sua sorte, cuja principal preocupação é encontrar um sítio onde dormir e algo para saciar a fome. De uma forma crua, sem eufemismos, é-nos desvelado o ambiente sórdido no qual se movem as primeiras personagens da obra: sujas, desamparadas e quase reduzidas a espetros. E é a elas que é dado o papel inaugural, a abertura de uma cena que marcará todo o enredo. Sob a imaginária proteção do *Portal del Señor* convive esse grupo de seres degradados: o já referido louco *Pelete*, cuja voz não parece humana; uma

¹⁶² ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 115.

¹⁶³ Lucifer, Satanás.

cega, que se imagina coberta de moscas; um tihoso; uma surda-muda grávida (*Patahueca*); um cego desmembrado (*El Mosco*); um mulato (*Viuda*) e um alcoólico que ali se apresenta todos os domingos. E é no seio desta estranha sociedade de “caras monstruosas”¹⁶⁴ que se vai cometer o crime que desencadeará todo o enredo: *Peleele* mata acidentalmente o coronel José Parrales Sonriente, um dos grandes aliados do Presidente. Este episódio leva-nos, inevitavelmente, a traçar um paralelismo entre a loucura do mendigo, que comete o crime, e o próprio regime, cujos atos também nos transmitem uma total insanidade. Ambos procedem sem pensar nas verdadeiras consequências das suas ações e a ambos nada parece importar. A diferença é que *Peleele* é castigado com a morte, ao passo que o regime jamais pagará pelos seus atos infames.

O capítulo inicial é quase exclusivamente dedicado a esses mendigos e à vida miserável que forçosamente os une, conduzindo-nos a um universo em que os infortúnios se vão sucedendo. É interessante o parecer do também escritor guatemalteco Augusto Monterroso: “Los pordioseros de la ciudad, sin anunciarlo, anuncian de una vez por todas que, al entrar aquí el lector hará bien en abandonar toda esperanza”¹⁶⁵.” De facto, ao longo da obra não há espaço para a esperança. Começamos sem ela e sem ela terminamos, numa desventura coletiva que parece continuar muito para além da última página: os poderosos continuarão a abusar do poder que têm, os inocentes a padecer todo o tipo de injustiças e os mendigos a suportar a mais extrema miséria.

Mas mesmo vivendo em comunidade e sofrendo o mesmo desgaste social, são mais as circunstâncias que afastam os mendigos do que propriamente aquelas que os unem como grupo. Esta precária relação está bem presente nos excertos que aqui apresentamos e que surgem no primeiro capítulo, transmitindo-nos essa ideia de desintegração:

Se juntaban a dormir en el Portal del Señor sin más lazo común que la miseria, maldiciendo unos de otros, insultándose a regañadientes con tirria de enemigos que se buscan pleito, [...]. Ni almohada ni confianza halló jamás esta familia de parientes del basurero¹⁶⁶.

¹⁶⁴ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 117.

¹⁶⁵ MONTERROSO, Augusto, “Miguel Ángel Asturias, premio Nobel de Literatura 1967”, em: *El Señor Presidente*, Edición crítica: Gerald Martin, Colección Archivos, 1.ª ed, Madrid y Barcelona: ALLCA XX, 2000, p. 810.

¹⁶⁶ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 115.

Nunca se supo que se socorrieron entre ellos; avaros de sus desperdicios, como todo mendigo, preferían darlos a los perros antes que a sus compañeros de infortunio¹⁶⁷.

O leitor cria, então, uma imagem real da sua situação e começa a entrar nesse mundo ignorado que só a eles parece pertencer. Porém, ao longo da obra, apercebemo-nos de que o seu modo de vida não difere tanto do das restantes personagens, não num sentido totalmente literal, mas no que se refere a uma decadência progressiva e uma constante procura de sobrevivência. Também outras personagens procuram escapar à inclemência do regime, negligenciando, por vezes, as relações que as unem. Tomemos como exemplo a família de Camila que, depois de conhecer a delicada situação do seu pai – o general Canales –, a abandona à sua sorte, negando qualquer ligação com ambos. Essa atitude mostra que a ditadura tem plena liberdade para, direta e indiretamente, impor a sua vontade e as suas normas. O facto é que, mesmo tendo a possibilidade de colocar-se do lado do irmão e da sobrinha, os tios sabem que a melhor decisão é não contrariarem o regime.

Mas há ainda outros vínculos sentimentais que a ditadura não deixa que se desenvolvam. Falamos, novamente, das ligações maternas já abordadas anteriormente. Cabe acrescentar que estas, apesar do lugar importante que ocupam no romance, não têm desenvolvimento, nem desenlace venturoso. Mães e filhos são inevitavelmente separados por imposição, sem tempo para criarem laços afetivos. Algumas, sem esperança, aguardam os seus às portas de uma prisão (“En la Sección esperaban a los presos [...] grupos de mujeres descalzas [...]. Entre ellas se contaban sus penas en voz baja, sin dejar de llorar [...]. Una anciana palúdica y ojosa se bañaba en lágrimas, callada, como dando a entender que su pena de madre era más amarga.”)¹⁶⁸ A única relação mãe/filho que prospera é a de Camila e do pequeno Miguel. Contudo, para que isso aconteça, ambos têm de abandonar o ambiente destrutivo da cidade. É possível que o narrador tenha querido mostrar que uma sociedade em que essa relação não existe ou não pode desenvolver-se, nunca poderá representar um mundo livre.

Todas as relações se vão degradando forçosamente, e é este um dos pontos que mais se destaca ao longo do romance. O próprio Asturias afirmou que o mais importante nesta

¹⁶⁷ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 116.

¹⁶⁸ *Ibidem*, p. 120.

obra era o estudo da degradação dos valores morais de todas as classes sociais, sem exceções: “[...] no sólo he tratado de recrear el personaje, sino de significar cómo todos los elementos de la sociedad se van corrompiendo con la dictadura”¹⁶⁹. De facto, esse parece ter sido o seu objetivo, pois não há, em quase todo o romance, um capítulo em que as personagens criem laços sólidos, e quando há indícios de sentimentos, como os que unem Cara de Ángel e Camila, nunca chegam a consolidar-se. Apesar do seu desenlace fatídico, esta parece ser a única história de amor que tenta impor-se no meio de tanta crueldade. Cara de Ángel é, aliás, uma das personagens que, inicialmente, surge na obra sem nenhum vínculo afetivo, até que conhece Camila, e a sua vida, dedicada exclusivamente ao regime, se vê abalada. Mas, como tudo o que surge nesse meio se desintegra, nada há a fazer contra o olhar atento do ditador, que não permitirá sentimentalismos.

V. Denúncia social presente na obra

El Señor Presidente marca um antes e um depois na denúncia social, representando de forma extraordinária a presença maléfica do poder absoluto e o desprezo pelas classes mais desfavorecidas. E não se trata só do retrato de uma ditadura, pois esta obra é também a demonstração do que pode suceder quando as relações mais básicas do ser humano estão em perigo, não podendo desenvolver-se livremente.

Não temos de avançar muito na leitura para percebermos a diferença abismal que existe entre classes sociais. O narrador deixa bem claro a linha que as separa, usando palavras específicas que atribui a pobres e ricos: “señorones” versus “fantasmas en la nada”, “damas encopetadas” versus “empleada cenceña”. Encontramos estas palavras nos excertos que se seguem, e é através delas que podemos perceber essa desigualdade:

Por las calles, subterráneos en la sombra, pasaban los primeros artesanos para su trabajo, fantasmas en la nada del mundo recreado en cada amanecer, [...] y a eso de las once, ya el sol alto, por los señorones que salían a pasear el desayuno para hacerse el hambre del almuerzo o a visitar a un amigo influyente [...] ¹⁷⁰.

¹⁶⁹ LÓPEZ ÁLVAREZ, Luis, *Conversaciones con Miguel Ángel Asturias*, Madrid, Edit. Magisterio Español, 1974, p. 174.

¹⁷⁰ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 126.

[...] muy de mañana se levantaba a hacer la cacha [...], los pasitos de la empleada cenceña, vista de menos por las damas encopetadas que salían de sus habitaciones ya caliente el sol a desperezarse a los corredores, a contar sus sueños a las criadas, a juzgar a la gente que pasaba, a sobar al gato, a leer el periódico o a mirarse en el espejo¹⁷¹.

Este desequilíbrio, presente em toda a obra, parece ser algo intransponível, como uma espécie de condição que as classes mais desfavorecidas aceitam sem ousarem insurgir-se. É como se os elementos dessas classes baixas tivessem nascido para desempenhar um papel subalterno de humilhações constantes, num mundo dominado pela opressão. A sociedade está dividida em grupos, revelando enormes diferenças sociais. Voltamos a ver essa diferença no capítulo XIV, no dia em que é celebrada a festa nacional, em honra do Presidente. Em universos totalmente opostos, encontramos trabalhadores cabisbaixos: “Por allí pasaban las acarreadoras del pan con la cabeza hundida en el tórax, comba la cintura, tensas las piernas y los pies descalzos, respunteando pasos seguidos e inseguros bajo el peso de enormes canastos, canasto sobre canasto [...]”¹⁷².” e senhores da classe alta: “[...] los carruajes de los señorones que se echaban a la calle de punta en blanco [...]”¹⁷³. Cada grupo sabe exatamente qual é a sua função na sociedade: os pobres trabalham para os ricos e estes, por sua vez, ignoram e desprezam essa classe que está ali sobretudo para os servir. Ainda a propósito desse contraste, chama novamente a nossa atenção a vida miserável dos mendigos em oposição à de alguns membros do Governo. Vejamos o excerto em que uma Camila sonhadora recorda a vida na sua casa abastada: “Los domingos por la tarde se dormía o se aburría en la sala, cansada de ver retratos antiguos en un álbum de familia, fuera de los que [...] se habían distribuido en esquineras negras, mesas plateadas y consolas de mármol [...]”¹⁷⁴.” E eis os mendigos com as suas “riquezas” (assim as denomina o narrador): “[...] con la cabeza en el costal de sus riquezas: desperdicios de carne, zapatos rotos, cabos de candela, puños de arroz cocido envueltos en periódicos viejos, naranjas y guineos pasados”¹⁷⁵. Não podemos negar a distância que existe entre esses dois mundos, uma distância criada pela própria sociedade, com um regime ocioso ao comando. Acrescentemos outro excerto que vem fortalecer essa ideia de desigualdade e em que é evidente o estatuto

¹⁷¹ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 127.

¹⁷² *Ibidem*, p. 205.

¹⁷³ *Ibidem*, p. 206.

¹⁷⁴ *Ibidem*, p. 188.

¹⁷⁵ *Ibidem*, p. 115.

privilegiado de quem pertence ao regime ou é seu partidário: “[...] unos sin lo necesario, obligados a trabajar para ganarse el pan, y otros con lo superfluo en la privilegiada industria del ocio: amigos del Señor Presidente [...]”¹⁷⁶.

Sem dúvida, uma das finalidades do narrador foi a de descrever o comportamento e a progressiva degradação dessa sociedade, incapaz de se libertar do domínio da ditadura e da capacidade que ela tem para transformar tudo em seu benefício. O próprio escritor afirmou que:

La dictadura es como un veneno, el veneno de una inmensa araña. En mi novela, que va abarcando todas las clases sociales, se ve cómo las va pervirtiendo, las va comprando, las va amedrentando, las va transformando, de hombres, en seres puramente mecánicos, o en fanáticos tremendos, o en terribles oportunistas¹⁷⁷.

A classe mais desfavorecida aqui mencionada é aquela que Asturias tanto admirou: a indígena. E assim aparece descrita: “Las cuadrillas de indios que barrían durante la noche las calles céntricas regresaban a sus ranchos uno tras otro, como fantasmas vestidos de jerga [...] Los dientes de turrón en las caras de cobre. Descalzos. Rotos¹⁷⁸.” Mas há ainda outras referências que nos fazem pensar na sua condição inferior: “Los médicos, en cambio, pueden ensayar en el hospital con los indios¹⁷⁹.”; “—¿Y había otras personas presentes y fue motivo de escándalo? —No, sólo estaban unos indios¹⁸⁰.” É bem visível a discriminação a que estão condenados e, seguramente, o que narrador pretende aqui é censurar o seu abandono e como umas classes são subjugadas e anuladas por outras.

O mais importante para Asturias não foi só a simples descrição de factos, mas também denunciar um momento histórico que viveu. Ele próprio afirmou: “Todo lo que hay en *El Señor Presidente*, especialmente el miedo, es producto del ambiente en que crecí¹⁸¹.” A representação algo exagerada desse universo e a distorção das personagens e dos seus atos

¹⁷⁶ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 126.

¹⁷⁷ LÓPEZ ÁLVAREZ, Luis, *Conversaciones con Miguel Ángel Asturias*, Madrid, Edit. Magisterio Español, 1974, p. 174.

¹⁷⁸ ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid: Ediciones Cátedra, 2007, p. 240.

¹⁷⁹ *Ibidem*, p. 141.

¹⁸⁰ *Ibidem*, p. 282.

¹⁸¹ LÓPEZ ÁLVAREZ, Luis, *Conversaciones con Miguel Ángel Asturias*, Madrid, Edit. Magisterio Español, 1974, p.176.

são aqui usadas com o objetivo de fortalecer ainda mais essa denúncia. O narrador recorre a um estilo singular para nos transportar para um mundo deformado e sem sentido, governado por um louco. E essa loucura expande-se, contagiando grande parte de uma sociedade formada por personagens que vão perdendo a razão e a empatia com os seus semelhantes. No seguinte excerto é bem visível esse comportamento:

Contado por los mendigos, se regó entre la gente del pueblo que el *Pelele* se enloquecía al oír hablar de su madre. Calles, plazas, atrios y mercados recorría el infeliz en su afán de escapar al populacho [...]. Seguido de chiquillos se refugiaba en los barrios pobres, pero allí su suerte era más dura; allí, donde todos andaban a las puertas de la miseria, no solo lo insultaban, sino que, al verlo correr despavorido, le arrojaban piedras, ratas muertas y latas vacías¹⁸².

Esta mesma ideia está presente na afirmação de Cedomil Goic quando este diz que

Aquí no se nos ofrece [...] el espectáculo de un pueblo fundamentalmente sano, oprimido por un tirano a quien aborrece, pero al cual no puede derrocar (recordemos que Estrada Cabrera por fin tuvo que dimitir). Se trata, en cambio, de un pueblo corrompido y abyecto, de blancos y mestizos que explotan y oprimen no sólo a los indios, sino también a sus semejantes, a la vez que adoran masoquísticamente al hombre que los pisotea y desdeña¹⁸³.

Usemos esta declaração para mencionar um aspeto relevante que se prende precisamente com a conduta das personagens. Não é insensato pensarmos que esta obra é uma crítica ao comportamento humano e no que podemos transformar-nos quando vivemos sob uma pressão e um medo constantes, factos que podem levar-nos a pensar unicamente na nossa própria sobrevivência. E é isso que fazem algumas personagens desta obra. O escritor quis deixar registado comportamentos que ele próprio presenciou durante a ditadura de Estrada Cabrera, satirizando-os aqui através das palavras do narrador. Sem dúvida, Asturias foi um bom observador, pois não só retratou esse povo “corrompido e abjeto”, como também o usou para descrever toda a humanidade e o seu comportamento.

¹⁸² ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, 7.ª ed., Madrid, Ediciones Cátedra, 2007, p. 118.

¹⁸³ GOIC, Cedomil, “*El Señor Presidente* de Miguel Ángel Asturias”, *Historia y Crítica de la Literatura Hispanoamericana*, Vol. III, Época Contemporánea, Editorial Crítica, Barcelona, 1988, p. 369.

Esta é a denuncia de uma decadência que se vivia em vários países da América Latina, sobretudo naqueles anos em que a supremacia de um tirano se opunha à passividade de um povo, cada vez mais despojado dos seus bens e da sua integridade. É possível que Asturias tenha escolhido não mencionar um tempo e um espaço determinados para dar a esta obra um sentido de universalidade, refletindo sobre o poder tirânico, não só da Guatemala ou da América Latina, mas de qualquer lugar.

CONCLUSÃO

O principal objetivo deste trabalho consistiu em analisar a personagem representada pelo Presidente no romance *El Señor Presidente* e entrar no mundo que o rodeia e que ele domina. Nesse meio vamos encontrar diferentes personagens, cujos atos e pensamentos conduzem a narrativa, oferecendo-nos uma visão da ditadura e da total autoridade por ela exercida, e mostrando-nos, ao mesmo tempo, os vícios, os valores e os defeitos da humanidade. Esta obra do escritor guatemalteco Miguel Ángel Asturias é uma fiel representação de um dos fenómenos mais característicos da história da América Latina: a ditadura, encabeçada pela figura de um tirano dotado de grande poder carismático e militar.

Mas o tema da ditadura não é exclusivo de *El Señor Presidente*, pois é já mencionado em obras que surgem muito antes da sua publicação e que aparecerão igualmente depois. Jorge Castellanos e Miguel Ángel Martínez justificam o uso reiterado deste tema na literatura ao afirmarem que

La dictadura ha predominado como forma fundamental de organización política en la mayoría de las repúblicas hispanoamericanas, desde el logro de la Independencia hasta nuestros días. [...] Por eso resulta comprensible que la novela hispanoamericana refleje, desde sus comienzos, esa característica básica de la vida social del Continente¹⁸⁴.

De facto, não é possível separar a literatura hispano-americana deste tópico, pois ele está bem presente em diferentes géneros literários, pensado por escritores de estilos e épocas diversas, todos eles com um propósito comum: mostrar o comportamento e as atrocidades cometidas por uma figura que se move num espaço que agora lhe pertence e que ela, cruel e intolerante, passa a dominar. E em todas as obras em que ditador e ditadura são protagonistas estão presentes dois aspetos: o histórico e o estético, acentuando-se um ou outro, dependendo do autor e do livro.

Embora estejamos a falar de épocas diferentes, através do estudo dos *romances de ditador* citados neste trabalho – o já referido *El Señor Presidente* (1946); também *Tirano*

¹⁸⁴ CASTELLANOS, Jorge y M. A. Martínez, “El Dictador Hispanoamericano como Personaje Literario”, *Latin American Research Review*, Vol. 16, n.º 2, 1981, p. 79.

Banderas (1926) de Ramón del Valle-Inclán e os surgidos a partir da década de 1970 *El recurso del método* (1974) de Alejo Carpentier, *Yo el supremo* (1974) de Augusto Roa Bastos e *El otoño del patriarca* (1975) de Gabriel García Márquez –, percebemos algumas semelhanças no caráter e no comportamento da personagem representada pelo déspota, cujos sintomas de loucura se manifestam por meio de uma atitude cruel e de um desejo de domínio absoluto, atuando sempre em benefício próprio. O ditador retratado, cujo lado mais íntimo chegamos a conhecer, é um ser solitário e lúgubre, normalmente revoltado com o seu passado e desejoso de permanecer no poder a qualquer preço. Despreza o povo e mantém a sua imagem envolta em mistério, transformando-se, por vezes, numa personagem-mito, temida, mas também adorada. É interessante verificarmos que em todas estas obras o ditador é sempre representado por uma personagem masculina, facto que, de resto, vai ao encontro da própria História.

Neste trabalho demos destaque à ligação que o ditador de *El Señor Presidente* tem com algumas personagens femininas e intuímos o seu machismo ao ver como despreza as mulheres que, por exigência sua, vão passando pelos seus aposentos. No fundo, o Presidente é um ser solitário que não se dá a conhecer, guardando para si qualquer sentimento que revele debilidade. O objetivo é manter uma aparência fria e distante, pois deixar transparecer qualquer indício de fraqueza seria perder o domínio que tem sobre os demais e até sobre si mesmo. Ao colocar a figura do tirano no centro da narrativa, Asturias deu-lhe o papel e a importância que teria um ditador real. De facto, a personagem da obra foi pensada tendo em conta uma figura e um momento históricos que o próprio autor conheceu e que refletem os horrores vividos durante a sua infância e juventude, numa Guatemala dominada pelo então presidente Manuel Estrada Cabrera. E ainda que seja difícil uma reprodução exata desse ambiente opressor, há na obra um resgate desse momento histórico e do clima de medo por ele gerado, transformando-se em algo quase tangível que o leitor não só sente, mas também visualiza.

A propósito dos romances em que o ditador é agora personagem principal, Castellanos e Martínez referem que “[...] el dictador no es ya más una sombra impalpable, sino una realidad viva, brutal y sangrante, situada en el mismo centro de gravedad de la obra

artística”¹⁸⁵. Estas obras, cujo tema central reflete o poder abusivo das ditaduras latino-americanas, vêm não só revelar a postura crítica dos seus criadores perante factos históricos que muitos deles viveram, mas também despertar consciências, tanto no subcontinente, como fora dele. Revelando episódios que se relacionam com uma determinada época, o trabalho destes escritores é fruto não só do seu inconformismo, mas do de todas essas sociedades que agora representam. Mas poder-se-á combater a realidade através da escrita? Não sabemos ao certo. Porém, conseguindo ou não esse propósito, é já inegável o enorme impacto que escritores e obras tiveram e continuam a ter no panorama literário universal, provando que é possível usar as palavras como instrumento de denúncia e como testemunhas de uma época que ficará para sempre registada não só em livros, mas também na memória de quem os lê.

A literatura encarregou-se, assim, de desvelar os horrores cometidos pelas ditaduras, mostrando-nos uma realidade vivida e sofrida, parte integrante do quotidiano de milhões de pessoas. São os “fragmentos del mundo real [...]”¹⁸⁶, assim denominados por Julio Quintero. Com os *romances de ditador*, em que a violência e as atrocidades cometidas pelas ditaduras são reveladas sem eufemismos, é-nos dada a possibilidade de entender melhor a estrutura dessas sociedades e de entrar na vida de um ser tão bárbaro e enigmático, cujas atitudes sem sentido ultrapassam, por vezes, a nossa compreensão.

Ao não fazerem referência a nomes concretos, alguns escritores pretendem denunciar não só uma ditadura, mas todos os abusos cometidos pelos muitos ditadores que dominaram a América Latina durante longos períodos. Mas por que motivo um país se deixa dominar por uma figura tão cruel e como é possível ela chegar ao poder, subjugando os cidadãos durante tantos anos, sem que nada nem ninguém se insurja? Neste contexto, sugerimos dois fatores como possíveis razões para esse poder ilimitado: por um lado, a aliança do ditador com os grupos mais influentes que o mantêm no poder, saindo ambos beneficiados; por outro, o carácter dominante e sedutor do autocrata, fruto da atitude passiva de uma sociedade que, dominada pelo medo, nutre por ele uma espécie de adoração, elevando-o, muitas vezes, a um estatuto quase divino. Em *El Señor Presidente*, por

¹⁸⁵ CASTELLANOS, Jorge y M. A. Martínez, “El Dictador Hispanoamericano como Personaje Literario”, *Latin American Research Review*, Vol. 16, n.º 2, 1981, pp. 102, 103.

¹⁸⁶ QUINTERO, Julio, *La máquina dictatorial: Poder y narrativa en Guatemala, Colombia y Venezuela*, Serie Nuevo Siglo, Pittsburgh, 2016, p. 196.

exemplo, o ditador é visto pelo povo como um pai protetor. Na obra *La máquina dictatorial: Poder y narrativa en Guatemala, Colombia y Venezuela*, Julio Quintero afirma que “el hecho de que los ciudadanos creen que el dictador es un ‘padrecito’ que vela por ellos, es un producto de un flujo de poder que subsume al ciudadano como parte de ese flujo [...]”¹⁸⁷. O ditador desafia, assim, o seu semelhante, ao tentar retirar-lhe toda a dignidade e ao anulá-lo como ser humano. Subjugando-o ao seu domínio e à sua vontade, condena o cidadão a uma existência sem sentido. É o controlo do homem sobre o homem, resultado da estrutura criada por uma sociedade que se deixa dominar facilmente pelo tirano. Para o escritor Gabriel Venaissin, “[...] l’existence de tous dépend de lui, des milliers de vies son suspendues à sa médiocrité même. Voilà la vraie psychologie du dictateur”¹⁸⁸. E esta é, sem dúvida, a psicologia do tirano, não só no romance de Asturias, mas em todas as obras em que este é a personagem central. Reprimindo todas as liberdades, o ditador coloca-se num lugar privilegiado, em que só ele pode viver livremente e em que os seus desejos são ordens a cumprir.

Em *El Señor Presidente*, particularmente, o poder da ditadura é perpétuo, não deixando lugar a contestações e revelando uma total impossibilidade de progresso e liberdade. A sociedade está condenada a viver numa sombra permanente e a aceitar esse destino como única escolha possível. Por seu lado, o ditador encontra-se colocado no topo de uma espécie de pirâmide, cuja base é formada pelas classes mais desprotegidas.

O italiano Giuseppe Bellini, que acompanhou com interesse toda a obra do escritor guatemalteco, retrata assim a importância de um romance que, como poucos, soube transmitir o universo opressor do despotismo: “La denuncia de la dictadura y el tirano se manifiesta durísima en la narrativa hispanoamericana de nuestro siglo, pero ninguna novela llega a una síntesis tan representativa de la situación americana como *El señor Presidente* de Miguel Ángel Asturias”¹⁸⁹.

¹⁸⁷ QUINTERO, Julio, *La máquina dictatorial: Poder y narrativa en Guatemala, Colombia y Venezuela*, Serie Nuevo Siglo, Pittsburgh, 2016, p. 16.

¹⁸⁸ VENAISSIN, Gabriel, “Miguel Ángel Asturias: Monsieur le Président”, em: *El Señor Presidente*, Edición crítica: Gerald Martin, Colección Archivos: 1.ª ed, Madrid y Barcelona: ALLCA XX, 2000, p. 788.

¹⁸⁹ BELLINI, Giuseppe, “*El Señor Presidente*, Criadero de tiranos”, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Acedido a 20 de outubro de 2016, em: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/de-tiranos-hroes-y-brujos--estudios-sobre-la-obra-de-ma-asturias-0/html/01de10ea-82b2-11df-acc7-002185ce6064_30.html, 2010.

Considerada uma das obras mais importantes da literatura hispano-americana do século XX, este romance de Asturias define-se como um marco incontornável na denúncia social, tendo-se tornado num livro de grande valor sociológico e num ponto de referência para muitos escritores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Romances de ditador estudados

- ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, Edición crítica de Alejandro Lanoël-d'Aussenac, 7.ª ed., Ediciones Cátedra, Madrid, 2007.
- CARPENTIER, Alejo, *El recurso del método*, Siglo XXI España Editores, S. A., Madrid, 1976.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel, *El otoño del patriarca*, Plaza & Janes Editores, S. A., Barcelona, 1997.
- ROA BASTOS, Augusto, *Yo el Supremo*, Bibliotex, S. L., Barcelona, 2001.
- VALLE-INCLÁN, Ramón del, *Tirano Banderas. Novela de tierra caliente*, Espasa Calpe, Madrid, 2002.

Estudos Críticos

- ANDERSON IMBERT, Enrique, “Análisis de *El Señor Presidente*”, *Revista Iberoamericana*, n.º 67, Pittsburgh, 1969.
- ANDERSON IMBERT, Enrique, *Historia de la Literatura Hispanoamericana- II. Época Contemporánea*, 1.ª reimpresión, Fondo de Cultura Económica, México, 1970.
- ARÉVALO MARTÍNEZ, Rafael, *¡Ecce Pericles! Historia de la tiranía de Manuel Estrada Cabrera*, 1.ª ed., Tipografía Nacional, Guatemala, 1945.
- ASTURIAS, Miguel Ángel, “El problema social del indio”, 1.ª ed., Tipográfica Sánchez y de Guise, Guatemala, [1923].
- ASTURIAS, Miguel Ángel, “*El Señor Presidente* como mito”, em: *El Señor Presidente*, Edición crítica de Alejandro Lanoël- d'Aussenac, 7.ª ed., Ediciones Cátedra, Madrid, 2007.

- CARDOZA Y ARAGÓN, Luis, *Guatemala, Las líneas de su mano*, Fondo de Cultura Económica, Colección Popular, México-Buenos Aires, 1965.
- BELLINI, Giuseppe, *Nueva historia de la literatura hispanoamericana*, 3.ª ed., Editorial Castalia, Madrid, 1997.
- BELLINI, Giuseppe, “La denuncia de la dictadura: *El Señor Presidente*”, *Mundo mágico y mundo real: la narrativa de Miguel Ángel Asturias*, Editorial Bulzoni, Roma, 1999.
- BELLINI, Giuseppe, “*El Señor Presidente*, Criadero de tiranos”, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Em: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/de-tiranos-hroes-y-brujos---estudios-sobre-la-obra-de-ma-asturias-0/html/01de10ea-82b2-11df-acc7-002185ce6064_30.html, 2010.
- BETHEL, Leslie, *Historia de América Latina- La independencia*, Vol. 5, Editorial Crítica, Barcelona, 1991.
- BETHEL, Leslie, *Historia de América Latina- México, América Central y el Caribe, c. 1870 – 1930*, Vol. 9, Editorial Crítica, Barcelona, 1991.
- CASTELLANOS, Jorge y M. A. Martínez, “El Dictador Hispanoamericano como Personaje Literario”, *Latin American Research Review*, Vol. 16, n.º 2, 1981.
- GOIC, Cedomil, “*El Señor Presidente* de Miguel Ángel Asturias”, *Historia y Crítica de la Literatura Hispanoamericana*, Vol. III, Época Contemporánea, Editorial Crítica, Barcelona, 1988.
- HARSS, Luis, “Miguel Ángel Asturias o la tierra florida”, em: *El Señor Presidente*, Edición crítica: Gerald Martin, Colección Archivos, 1.ª ed, Madrid y Barcelona: ALLCA XX, 2000.
- HIMELBLAU, Jack, “Chronologic Deployment of Fictional Events in Miguel Ángel Asturias’s *El Señor Presidente*”, *Hispanic Journal*, U.S.A., 1991.
- LISCANO, Juan, “Sobre *El Señor Presidente* y otros temas de la dictadura”, em: *El Señor Presidente*, Edición crítica: Gerald Martin, Colección Archivos, 1.ª ed, Madrid y Barcelona: ALLCA XX, 2000.
- LÓPEZ ÁLVAREZ, Luis, *Conversaciones con Miguel Ángel Asturias*, Edit. Magisterio Español, Madrid, 1974.

- MARTIN, Gail, “Manuel Estrada Cabrera 1898- 1920: ‘El Señor Presidente’”, em: *El Señor Presidente*, Edición crítica: Gerald Martin, Colección Archivos, 1.ª ed, Madrid y Barcelona: ALLCA XX, 2000.
- MONTERROSO, Augusto, “Miguel Ángel Asturias, premio Nobel de Literatura 1967”, em: *El Señor Presidente*, Edición crítica: Gerald Martin, Colección Archivos, 1.ª ed, Madrid y Barcelona: ALLCA XX, 2000.
- OVIEDO, José Miguel, *Historia de la Literatura Hispanoamericana, 2. Del Romanticismo al Modernismo*, Alianza Editorial, S. A., Madrid, 2005.
- POPOL-VUH: *Las antiguas historias del Quiché*, Fondo de Cultura Económica, México, 1992.
- QUINTERO, Julio, *La máquina dictatorial: Poder y narrativa en Guatemala, Colombia y Venezuela*, Serie Nuevo Siglo, Pittsburgh, 2016.
- RAMA, Ángel, “Un arquetipo latinoamericano: el dictador en la literatura”, *Los dictadores latinoamericanos*, Fondo de Cultura Económica, México, 1976.
- SÁNCHEZ, Luis Alberto, “Miguel Ángel Asturias y el estilo maya”, em: *El Señor Presidente*, Edición crítica: Gerald Martin, Colección Archivos, 1.ª ed, Madrid y Barcelona: ALLCA XX, 2000.
- VENAISSIN, Gabriel, “Miguel Ángel Asturias: Monsieur le Président”, em: *El Señor Presidente*, Edición crítica: Gerald Martin, Colección Archivos: 1.ª ed, Madrid y Barcelona: ALLCA XX, 2000.